RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE

dma Da Mihi Animas

02 2021

ANO LXVIII
trimestral

#geratividade

dma Da Mihi Animas
RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE

NÚMERO 02 - 2021
Ano LXVIII
TRIMESTRAL

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 – DCB Roma

Editore
Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma
tel. +39 06872741
fax +39 0687132306
www.rivistadma.org
editor@rivistadma.org
dmanews1@cgfma.org

Direttrice responsabile
Mariagrazia Curti

Redazione
Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

Hanno collaborato a questo numero
Mara Borsi, Attilio Danese, Emilia Di Massimo, Giulia Paola Di Nicola, Mariano Diotto, Gabriella Imperatore, Paolo Ondarza, Andrea Petralia, Eliane Petri, Veronica Petrocchi, Maria Rossi, Martha Séïde, Célia Aparecida da Silva, Célia Regina Querido, Helena Gesser (tradutores).

Layout e grafica
VICIS Srl

Impaginazione e tipografia
VICIS Srl
V.le delle Provincie, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edizione Extracommerciale

La revista **dma** è realizada sobre carta ecolgica certificada FSC, costituida de pura celulose e.c.f. e por un elevado conteúdo de fibras de recuperação (pelo menos 25%).

foto Archivio FMA
foto Shutterstock

Associata USPI
Unione Stampa Periodica Italiana

SUMÁRIO

Editorial
Gerativos no coração do mundo **01**

Dossiê
#geratividade educomunicativa **02**

Edu@car
Integração e diversidade **12**

Horizonte família
A labuta do trabalho **16**

Fio de Ariadne
A geratividade entre responsabilidade e gratuidade **20**

Polifonia

34

Por uma nova cidadania
Cidadania por uma fraternidade universal **24**

Em êxodo
Nós e eles **28**

#mulher
Corações puros **31**

Polifonia
Uma bússola para a vida **34**

#comosjovens… em escuta
Um olhar jovem **37**

Comunicar
Gerar gentileza **40**

Em direção ao CG XXIV
Mornese: comunidade que gera fecundidade vocacional **44**

Música
Música de esperança **47**

Cinema
Nas pegadas de A. Lupin **50**

Literatura
Terra futura: o Papa dialoga sobre ecologia integral **53**

Camilla
Tempo de… **56**

Dossiê

02

Editorial

Gerativos no coração do mundo

No coração da Páscoa acolhamos a plenitude da fecundidade do anúncio: Cristo Ressuscitou! A todos, Ele confiou Vida Nova, fonte de geratividade fecunda. Neste ano, juntos, vamos tecendo um horizonte gerativo de vida, de olhos voltados para a *contemporaneidade* que apela à profundidade do nosso testemunho, às *relações* que nos interpelam sobre o estilo evangélico do exercício cotidiano, na convivência e comunhão, e à alegria pascal que plasma o carisma salesiano.

Estar no *coração* da contemporaneidade como atitude dos que *resssurgiram* com Cristo nos leva a olhar a realidade, a partir de uma prospectiva evangélica de novidade pascal. A complexidade do mundo em que vivemos seja o caminho para uma compreensão iluminada e sinérgica que evidencie suas múltiplas possibilidades e as energias positivas, de modo a poder coletar os sinais de uma vida nova, em meio a tanta obscuridade, desafios, contradições e perplexidades para ressignificar a realidade na qual estamso imersos. O convite a sermos gerativos implica em uma abertura de mente e de coração para promover uma gerativiade que incida evangelicamente no tecido humano, cultural, social, ecológico, político, econômico. O testemunho que nos cabe, neste tempo, é viver a audácia da ressurreição que quebra as correntes da vida deixando emergir a beleza e a riqueza de uma solidariedade autêntica que abraça a causa do Reino de Deus.

Como ressuscitados em Jesus, somos chamados a ser novas criaturas, a chegar à estatura e à maturidade de Cristo e, portanto, a construir novas relações geradas por Ele; relações que revelem a face do outro que exprime a fadiga e a beleza da divesidade, do intercâmbio de criatividade em vista do bem comum, do respeito ético que abre vias à pertença universal, assumindo caminhos de conversão solidária que revelam aquilo que somos – "um com o Pai – e, como filhos, plasmar a fraternidade/irmandade das quais fazer emergir a força geradora da convivência, da hospitalidade, do dom que vem do outro.

Habitar o nosso mundo, no coração da novidade pascal, é um forte apelo a discernir entre as muitas alegrias a verdadeira alegria que irrompe da ação misteriosa do Ressuscitado. Reconheçamos que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Ela de adapta e se transforma, e sempre permanece, pelo menos como uma fresta de luz que nasce da certeza pessoal de sermos infinitamente amados, para alé de tudo (EG 6). Considerando o carisma salesiano podemos afirmar que a *alegria* pascal o plasmou desde sua origem. Dom Bosco e Madre Mazzarello nos entregaram um carisma marcado pelo otimismo e pela alegria. Apesar das inumeráveis dificuldades que enfrentaram, eles foram sempre impulsionados pela alegria da ressurreição que, para eles, se tornou *convicção* e *estilo educomunicativo-pastoral*. Com os jovens de ontem e de hoje anunciemos a Boa Notícia que é a alegria do Evangelho. Animados pela missão acompanhemos os jovens para que descubram e vivam a alegria profunda gerada por Deus, com a simplicidade profunda de Madre Mazzarelllo que convidava as jovens para viver na alegria, sinal de escolhas radicadas em Cristo. "*Vocês estão alegres? Procurem sê-lo sempre! Unan-se intimamente a Jesus; trabalhem para agradar somente a Ele; esforcem-se para se tornar cada dia mais santas e, assim, vocês estarão sempre alegres*" (Carta n. 22,8).

Como discípulos do Ressuscitado e acompanhados por Maria, mulher e mãe, que nos convida a compreender nossa missão no cenário atual, solicitando que vivamos em plena sintonia com o Evangelho e nos empenhemos em transformar o mundo, somos chamados a viver a força gerativa do carisma salesiano, sustentados pela alegre certeza de que o Ressuscitado está no meio de nós.

Maria Helena Moreira, FMA
mhmoreira@cgfma.org

Gerativdade educomunicativa

DOSSIÊ

Vem e vê **para conhecer, comunicar, voltar o olhar e colocar-se em relação com os outros. Este é o convite dirigido pelo Papa Francisco na mensagem para a 55ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais 2021, *"Vem e vê* *(Jo 1,46)*. *Comunicar encontrando as pessoas onde e como são"*. Neste tempo de confinamento devido a COVID-19, em condições limitadas, experimentou-se uma forma de proximidade que anula as distâncias e modifica as categorias fundamentais do espaço e do tempo. As tecnologias da comunicação e das midia digitais contribuem para a transformação das modalidades do saber, da aprendizagem e alimentam novas formas sociais e culturais, graças à criatividade das novas gerações, criatividade que gera inovação em todos os âmbitos sociais, econômicos e culturais.**

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

> ***Desejaria exortar a todos a uma comunicação construtiva que favoreça a cultura do encontro, graças à qual, se possa aprender a olhar a realidade com consciente confiança*** **(Papa Francisco, mensagem para a 51ª Jornada da Comunicação Social).**

A comunicação não é uma função, um instrumento para transmitir eficazmente conteúdos, mas é uma dimensão constitutiva do ser relacional, do ser comunicante. E não se comunica somente com palavras, mas com o corpo todo. Paolo Ruffini, Prefeito do Dicastério para a Comunicação, recordando os dias de história e de esperança escritos pelo Papa na viagem à Síria – ferida e num passado de guerras e terrorismos – escreve: "Encontro, nos olhares felizes daquele povo, vestido de festa para o encontro, o mais belo e comovente testemunho do significado do "*Vem e vê*. Vê e será visto. E somente após teres visto, e seres visto, saberás comunicar". A mensagem do Papa para a Jornada Mundial das Comunicações 2021, acentua como raiz da comunicação, a *relação*. Para bem comunicar – diz ele – é preciso ir e ver. "Somente na verdade das relações, no testemunho daquilo que de fato se viu, na passagem da autoapresentação à capacidade de ver o outro, se pode entender o valor do construir junto um futuro melhor, fundado sobre o caráter recíproco da vida" (*Martin Buber*, filósofo e teólogo austríaco).

"Vem e vê" na narração do texto evangélico de João é um convite a "vir e ver" na galázia comunicativa de hoje, desde os jornais à web... É preciso fazer a escolha da palavra, fazer a revisão crítica das linguagens com as quais se anuncia Jesus Cristo, o Ressuscitado. O Senhor nos convida a viver e a ser credíveis, próximos, a encontrar as pessoas lá onde estão. No contexto contemporâneo os lugares do encontro e da troca são, sempre mais, espaços mediais nos quais é possível construir relações humanas e sociais, enriquecer as próprias experiências, gerar vida e cultura e promover transformações sociais.

O desafio educomunicativo, em tempos de COVID-19, apela ainda mais a um partir novamente com o empenho de reconstruir coesão social nas pequenas e grandes comunidades, a partir da família, para chegar à escola, aos ambientes de trabalho e ao mundo do associacionismo de toda espécie. É um convite a repensar o modo de comunicar dentro e fora da *web* e dos *social network*, para dar maior valor às relações interpessoais, ao diálogo e ao encontro. E, para seguir este convite, é preciso que se inventem todas as mediações e ações com as quais é possível encontrar os outros em toda parte.

Gerar cultura

No empenho de atuar uma *cultura da geratividade*, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora assumiu a **Educomunicação** como força profética do *Sistema Preventivo* de São João Bosco, Fundador da Congregação Salesiana para gerar, hoje, ecossistemas educomunicativos, em rede, nos quais se consolidam a comunhão e a coesão social, a fraternidade e a solidariedade, o bem comum e a justiça. Promover a *cultura do encontro* é dar atenção às exigências comunicativas das jovens gerações, educar ao diálogo interpessoal, à interculturalidade, à vida de grupo como laboratório de relações autênticas, é redescoberta da família; é educar à partilha das experiências de fé, à gestão responsável dos '*social media*', à valorização das linguagens e 'midia' a serviço da pessoa e da comunidade. Comunicação e educação são os binários nos quais viaja o trem que, das *community* conduz às *comunidades* certamente imersas no '*cyber spazio*', conscientes de que é preciso olhar para um horizonte comum e para percursos formativos abertos ao confronto e ao respeito das ideias, embora diferentes, na ótica de um ecossistema educomunicativo que dá atenção à pessoa" (cf Vincenzo Grienti, *Immersi nell'infosfera.Chiesa, comunicazione e comunità*. EDB-Bologna 2020).

> *"Como precisa nossa família humana aprender a viver junto, em harmonia e paz, sem que devamos ser todos iguais!* **(Papa Francisco, Fratelli Tutti nº 100).**

Entrevista com Maria Paloma Redondo Pérez de la Ossa, FMA - coordenadora da Área de Comunicação - Espanha

De que modo a comunicação pode promover a Cultura da geratividade?

Quando falamos de cultura, falamos da alma de algo, daquele inatingível que define um povo, uma organização ou um grupo específico. Se desejarmos promover a cultura da geratividade no nosso ambiente ou na nossa família humana, é preciso promover elementos que definem esta capacidade gerativa, em oposiçao à cultura da estagnação. Sem dúvida, a comunicação é um desses elementos.

Todos nós temos a experiência de que em qualquer grupo humano, desde o casal até à comunidade, de um grupo de amigos a uma empresa ou a um partido político, a falta de comunicação gera só o enfraquecimento dos liames, o distanciamento recíproco, a ausência de envolvimento na busca do bem comum, as divergências sempre mais evidentes no modo de entender a vida... Nada que possa gerar algo de novo e de diferente. Por outra parte, uma comunicação transparente, natural e fluida, que permite a todos a expressão daquilo que são, que sentem e pensam, desperta a criatividade para encontrar soluções aos problemas, alargar o horizonte da própria visão – por vezes condicionada – gerar um sentido de pertença e, finalmente, de empenho.

Criatividade, horizontes amplos, empenho... são os ingredientes de primeira qualidade para sermos agentes ativos desta nova cultura da geratividade.

O aumento experiencial das comunicações digitais durante o período de confinamento, quando as restrições nos impediram de encontrar-nos e reconhecer-nos, mostrou claramente que as pessoas têm necessidade inata de comunicação. Por fim, se descobre que é a comunicação a energia que mantém viva a sociedade, que garante aquela rede de liames que torna mais forte e reforça a fé na capacidade dos seres humanos de regenerar-se e gerar uma nova humanidade, fundada sobre outros parâmetros nos quais a pessoa é a atenção prioritária do processo educomunicativo.

Voltando a olhar para o horizonte do próximo CGXXIV, habitando o coração da contemporaneidade, qual é a missão, a função da comunicação nas mudanças atuais no mundo para poder gerar uma transformação social no estilo do Evangelho?

A palavra geratividade evoca em mim processos lentos, processos criativos que nascem de uma vida interior, de uma comunicação profunda com a própria realidade, com suas luzes e suas sombras; evoca em mim espaços de silêncio onde podemos calibrar aquilo que está em nossas mãos e aquilo que deixamos nas mãos de Deus; me chama à interioridade onde forjam as respostas às perguntas por sentido. Ao mesmo tempo me fala de realizar junto algo de novo, algo sempre maior do que a soma daquilo que cada um, sozinho, pode gerar, porque a diversidade e a riqueza da comunicação em rede, multiplica as ideias e as possibilidades, ao mesmo tempo alimenta a esperança.

Se desejamos gerar uma transformação social no estilo do Evangelho, é preciso saber que o espelho onde podemos descobrir ambos os aspectos são: a interioridade e a comunidade. Em Jesus vemos Aquele que é capaz de gerar mudanças em torno de si (Pedro, Zaqueu, Maria Madalena, o cego encontrado na estrada). Aquele que é capaz de despertar perguntas de sentido (Por quê hesitas? Como pode um homem nascer quando já é velho?); capaz de gerar uma rede em volta de seu projeto (quem não é contra ti, é a teu favor). Nele descobrimos que o silêncio era realmente gerativo e que sua palavra possuía um grande poder de convocação; era um grande comunicador porque unia coerentemente fatos e palavras.

Por este motivo, considero que a missão da comunicação é colocar em rede as individualidades pessoais que, no cultivo da própria espiritualidade, tornam possível a transformaçao no estilo do Evangelho.

Juntos, transformemos a sociedade

A Associação *Valponasca*, promovida pela Inspetoria espanhola *Maria Auxiliadora* (SPA), no espírito comunicativo de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, Co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, desenvolve processos educomunicativos de abertura ao outro e de integração social com a população migrante, com o objetivo de conhecer e reconhecer as tradições e culturas diversas para gerar transformação social.

As atividades de grupo ou individuais, prevêem uma *aproximação cultural* em vista da compreensão e do reconhecimento de todos os grupos e uma *aproximaçao inter-religiosa* para promover o diálogo sobre diversas tradições e culturas espirituais. Ambas aproximações favorecem o pluralismo cultural colocando em luz os valores e os princípios que levem à compreensão e ao respeito recíproco entre as pessoas. O trabalho de integração se desenvolve através de aprendizagem da língua, dos conhecimentos culturais e geográficos, dos direitos e deveres dos migrantes, da gastronomia, dos costumes que reforçam a comunhão social.

A cultura é o patrimônio indiscutível de toda a humanidade. As diferenças culturais enriquecem e ajudam, a transformar junto, a sociedade. Viver junto em um mundo multicultural significa reconhecer o positivo da diversidade cultural e enriquecer a própria experiência de vida. (Fonte: *https://salesianas.org/*)

Gerar é narrar

"Temos necessidade de respirar a verdade das boas notícias que ajudam reencontrar as raízes e a força para, juntos, irmos para a frente. Temos necessidade de uma narração humana que nos fale de nós e do belo que em nós habita. Uma narração que saiba olhar o mundo e os acontecimetnos com ternura; que fale do nosso 'ser parte' de um tecido vivo; que revele o entrelaçamento dos fios com os quais somos ligados uns aos outros" (Papa Francisco, 2020, Mensagem para a 54ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais).

A comunicação é geradora de histórias. As histórias podem ajudar a compreender e a dizer quem somos nós; podem ajudar a dar um sentido aos fragmentos da nossa existência, para torná-los passos de um caminho unitário. *Hannah Arendt*, filósofa e historiadora alemã afirma que a narração é para todos: "Nenhuma vida e tão insignificante que não possa ser narrada". Cada vida é uma história sagrada e, narrá-la, dá significado e direção à vida. Narrar a vida se torna, então, relação, partilha, encontro através dos meios que a tecnologia coloca à disposição.

"Somos as histórias que temos recebido e que nos abriram horizontes; histórias que, pouco a pouco aprendemos a escrever com a nossa própria vida e a transmitir a outros". Como escreve Papa Francisco, a pessoa não é um indivíduo completo e autosuficiente; ela é um individuo narrante porque é um ser em devir; ser que se descobre e se enriquece nas tramas dos seus dias. E as tramas são sempre encontros, cruzamentos, liames que dão espessura e sabor à vida e que ajudam a tecer fraternidade. A narração ensina a viver e a entrelaçar as vozes e as labutas de todos. Narrar-se é estabelecer uma relação sincera com as pessoas, dar sentido àquilo que acontece para compreender, avaliar e agir.

> **"A narração é verdadeira e própria contextura de vozes (Ryszard Kapuściński, jornalista)."**

É importante narrar as comunidades, as cidades ricas de contágio entre tradições e culturas. A narração, mesmo na "web" "pode se tornar uma experiência com a qual é possível recuperar a história do próprio bairro, da própria família ou de grupo de amigos. É preciso educar-se e educar os jovens para que descubram a grande riqueza que existe no entorno: educá-los para que narrem histórias que dizem respeito a questões atuais"; educá-los para que participem e se deixem envolver por aquilo que acontece, promovendo percursos educomunicativos, de pesquisa narrativa através de diversas linguagens da comunicação". (cf Fabio Pasqualetti, *Linguaggi della comunicazione e midia a servizio della educazione*, in *L'educazione la rivoluzione possibile*, acura di Fabio Pasqualetti e Vittorio Sammarco. LAS-Roma 2020).

Uma história bem contada nas linguagens do 'web' tem um potencial de resiliência que torna uma pessoa, uma comunidade, capaz de superar crises, indo além das dificuldades e gerando possibilidades de vida boa e solidária. E assim, narrar a "esperança", apesar dos riscos e da incerteza do futuro, se torna sinal tangível de uma vida mais humana e geradora de esperança.

Entrevista com Ana Belén Juan González - EXA, Diretora da Casa Família "Laura Vicuña" - Caldas de Reis (Pontevedra - Espanha)

Como os jovens podem narrar suas histórias tecendo uma comunicação significativa para outros jovens do mundo contemporâneo a fim de gerar novas histórias que promovam vida e esperança para todos?

Vivemos imersos na era digital, na qual os jovens, desde pequenos, aprenderam a se comunicar de modo diferente dos nossos pais. A palavra não é só pronunciada, agora ela é também retransmitida, publicada, transportada ou enviada e a sua mensagem não alcança somente as pessoas que nos são vizinhas; em um instante pode chegar à outra parte do planeta. Mas, embora existam novas formas de expressão, a essência da mensagem deve ser cuidada e focada desde o início, sem esquecer qual é o escopo da nova comunicação: contar e narrar histórias que geram mudanças. Estas mudanças podem ser múltiplas, desde a promoção do conhecimento do outro, ao dar impulso à mudança social, sem esquecer de gerar a transformação na vida das pessoas.

Os jovens de hoje têm em mãos as potencialidades da comunicação digital e a energia suficiente para encaminhar a mudança social no mundo contemporâneo.

Por meio do uso da palavra que é transmitida ao mundo mediante tecnologias digitais, os jovens podem narrar sua própria história, tornar conhecido seu testemunho de vida e lançar uma mensagem de esperança, estimulando outros jovens ao início de uma revolução de mudança social. O termo "moderno" não é sinônimo de superficial; os jovens são chamados a enviar ao mundo uma mensagem de amor, de esperança... através de sua própria experiência de vida.

Porém, o uso das novas tecnologias pode fazer-nos esquecer nosso vizinho mais próximo, aquele que está ao nosso lado e que não precisa de um e-mail ou de um tweet em rede. Os jovens não devem esquecer que em seu próprio ambiente há outros jovens que esperam ser interlocutores de sua mensagem, dispostos a ser companheiros no caminho da vida e desejosos de ouvir para, juntos, iniciar uma geração de mudança na sociedade. Gerenciar as mídias digitais para se comunicar, sem esquecer a pessoa ao nosso lado, é um desafio que os jovens precisam enfrentar na sociedade hoje.

> "*A vida subsiste onde há liames, comunhão, fraternidade* (Papa Francisco, Fratelli Tutti, nº 87)."

Gerar redes solidárias

A vida e a missão educomunicativa de educadoras e educadores é uma busca contínua e apelo a colocar-se em sintonia com o coração dos jovens, para encontrar modos e lugares para expressar o mandato "*A ti confio essas meninas*". A amorevolezza é percebida nas relações vitais, relações que valorizam e são capazes de despertar a confiança, de envolver os jovens na missão. A relação pessoal com os jovens, a paciente procura do *ponto acessível ao bem*, a relação de confiança podem criar uma textura humana na qual se enlaçam múltiplas relações, histórias de vida e sonhos. A força educomuncativa do Sistema Preventivo de Dom Bosco está na consideração dos jovens como interlocutores da própria existência, corresponsáveis na educação, nos caminhos de crescimento e de maturação, no trazer mudanças na sociedade. Os jovens são portadores de grandes energias; se aquele ponto acessível ao bem for descoberto e feito vibrar, milagres poderão florescer, gerando sementes de bem e de solidariedade.

O digital? É uma oportunidade para manifestar o talento dos jovens

A sorte, como tal, não existe: existe, sim, o momento em que o talento encontra a *oportunidade*, que hoje, com a experiência da pandemia COVID-19, em âmbito global, pode ser traduzida, com o "*acesso do digital*". No mês de abril de 2020 o Instituto Nacional de Estatística publicou o estudo "*Spezi in casa e disponibilità di computer per bambini e ragazzi*" que evidenciou, como no período de 2018-2019, cerca de 34% das famílias não possuíam um *computer* ou um *tablet* em casa. Dado este preocupante, hoje, se se pensa quão importante é ter um pc à disposição durante a emergência, não somente para quem trabalha, mas igualmente para os estudantes de qualquer grau ou ordem de instrução – desde o ensino fundamental até a preparação unversitária – que devem ter acesso ao ensino à distância (EAD).

Estudantes que em muitíssimos casos, encontram-se desprovidos de instrumentos adequados para continuar seu percurso de estudos. A partir justamente desta consideração desenvolveu-se o projeto **PC4U.tech**. Trata-se de uma plataforma Web que coloca em ligação os estudantes que necessitam de um dispositivo (pc ou tablet) para seguir a didática digital e as pessoas ou as empresas – dotadas de dispositivos usados, mas em funcionamento, que estão dispostos a doá-los.

PC4U.Tech: O projeto foi idealizado, durante o lockdown, por quatro estudantes milaneses, entre os quais dois alunos das Escolas Salesianas.

Estamos realmente seguros de que todos os alunos estão prontos para o Ensino à Distância? Eles, de fato, dispõem dos dispositivos necessários (a partir do computer) para enfrentar bem esta modalidade de ensino-aprendizagem?

A estas perguntas, respondeu J.R. estudante de 18 anos, que frequentou os útimos dois anos da "*Hockeill Anglo-European College*", na Inglaterra e é Fundador, junto a três coetâneos, do Projeto **PC4U.tech** (https://pc4u.tech). O objetivo do projeto é recolher ou recondicionar e redistribuir gratuitamente os dispositivos usados (mas em funcionamento) àqueles alunos de Milão e do '*hinterland*' que não os possuem. Trata-se de um *"site" de Internet* no qual todos podem doar ou solicitar um '*computer*' usado simplesmente clicando na caixa correspondente: 'doação' ou "solicita". A esta altura, resgistrada a ordem, o 'computer' é higienizado, empacotado e entregue em casa, sem acréscimo de despesa.

Inicialmente os quatro jovens puderam efetivar um total de 10 doações; em seguida, graças também a alguma propaganda em jornal, as coletas se multiplicaram. Receberam tantos dispositivos que precisaram solicitar o auxílio da cooperativa *For-Te* e do serviço de '*delivery*' desenvolvido por pessoas com deficiências cognitivas; para os serviços de reparação e ligação dos dispostivos se conectarem a uma associação de profit, '*Informatici Senza Frontiere*', com a qual partilham a batalha contra o '*digital divide*'.

Os quatro jovens desenvolveram também uma campanha de *crowdfunding*, recolhendo dinheiro que permite sejam cobertas as despesas dos próximos 300 pedidos (para o recondicionamento, para a aquisição da licença do *Windows 10* quando não são incorporados no pc, para o empacotamento e para a gestão administrativa do projeto).

Os estudantes foram premiados pelo Presidente da República da Itália Sérgio Matterella com uma placa por terem ajudado a reduzir o fosso digital: ***A didática digital é direito de todos***. *Com este lema, quatro jovens milaneses criaram a plataforma PC4U.tech com o objetivo de levar computer e tablet nas casas dos jovens que não os tem.* ***PC4U.tech*** *é um site muito simples que permite encontrar gratuitamente pedido e oferta de tablet ou pc usados. No 'Site' estão recolhidos sejam as doações como as solicitações de dispositivos. Com o auxílio de um técnico, os promotores conseguem recondicinar os computadores e dar-lhes vida nova, tornando-os, assim, válidos para o uso. A pandemia despertou famílias e escolas face ao tema do fosso digital. A iniciativa do PC4U.tech não é, certamente, a única iniciativa de solidariedade que surgiu nesta difícil etapa da vida. Porém os jovens promotores foram capazes de tornar visível seu trabalho concreto: o horizonte desejoso é o de reduzir a lacuna entre quem tem mais e quem tem menos".*

(Fonte: ANS)

Integração e diversidade

Mara Borsi, FMA
mara@fmails.it

Todo ambiente educativo ajuda a integrar, criar um sentido de comunidade, aproximar e unir as pessoas; tal como uma verdadeira ligação entre as relações sociais e o lugar onde elas amadurecem. Diálogo e amor implicam que no reconhecimento do outro, como outro, exista a aceitação da diversidade.

Não podemos negar que respiramos ares de medo: medo do outro, do diferente, do estrangeiro. O desencontro, a raiva, a desconfiança, incrementada pela pandemia e até o ódio manifestam-se sempre mais e continuam esmorecendo o sentido de humanidade das novas gerações.
Episódios de brutalidade e de violência, gerados pela cultura do bem estar, que leva a pensar em si mesmos, vivendo como em bolhas de sabão que são bonitas, mas nada são, parecem não os espantar.

Um antigo veneno

Estamos, sempre mais, nos habituando a uma linguagem vulgar: violências gritadas, gestos ofensivos, rivalidades intitucionais. Serpenteia, assim de modo sutil, a discriminação, uma enfermidade espiritual da qual se pode sarar somente com a convicção de que somos todos pessoas e que é preciso colocar em primeiro lugar a vida de todo homem e toda mulher, ao invés do lucro e das seguranças.
Infelizmente se constata que o veneno do racismo continua a insinuar-se nas fraturas da sociedade entre os povos. Cria barreiras e alarga as divisões.
Hoje, muitas pessoas são tolhidas em sua dignidade porque há investimentos sem projetualidade; mercado sem responsabilidade; teor de vida sem sobriedade; eficiência técnica sem consciência; privilégios sem redistribuição; desenvolvimento sem trabalho.
Daqui, pois, a urgência de inaugurar etapas de acolhida que não é fruto de benevolência mas para nós que acreditamos é decidir testemunhar o estilo de Deus na vida cortidiana. O cristão é aquele que procura sempre dar lugar ao outro, considerando que seus próprios modos de ser e de pensar não são os únicos que existem (cf V. Pelvi 2019).
Acolhamos a cultura, a religião e a ética dos outros sem preconceitos e sem compará-la com a nossa, colocando-nos à escuta de uma presença que exige uma resposta; escuta que instaura uma confiança recíproca Perguntêmo-nos: quem é o outro? A esta pergunta Sartre respondia: "Ou é o inferno ou um ente ao qual me doo". Cada um é destinatário de dons: do dom da vida, que não nós, mas outros assim decidiram, ao dom da palavra à qual outros nos iniciaram; ao dom da amizade que muitos não nos deixam faltar. Além disso, os objetos, os bens, a terra e seus frutos: tudo nós recebemos.
Acolher o outro como um dom constrói a fraternidade humana, a partir da diversidade.
Particularmente eloquente é esta afirmação de Hannah Arendt: "Os homens, não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo". A pluralidade não é a variação do idêntico, como nos produtos feitos em série que se distinguem por algo "opcional", ou no conformismo social de quem procura a originalidade em algum detalhe.

O outro como outro

Pluralidade é a convivência das diferenças radicada na comum pertença à família humana, e na comum e, no entanto, singularíssima capacidade de ação livre: iniciar algo que anteriormente não havia, trazer ao mundo, multiplicar a energia da vida. Somos irmãos não porque somos iguais, mas porque temos o mesmo Pai, e porque por meio de nós a vida pode continuar se multiplicando. Somos irmãos na capacidade de gerar o inesperado, de fazer crescer a esperança, de fazer entrar a luz no mundo, de "harmonizá-lo" como Pierre Teilhard De Chardin e, em seguida Arturo Paoli convidaram a fazê-lo (cf C. Giaccardi 2018).
Não existe alternativa entre vida e morte, entre generatividade e estagnação. Aquilo que não respira, que não se alarga, que não deixa entrar o ar de fora se apaga por asfixia. Se pensamos de nos salvar fechando portas e janelas, erguendo muros, construímos sozinhos a nossa prisão. O escritor Italo Calvino escreveu: "Se ergues um muro pensa naquilo que está deixando fora".
A liberdade, a igual dignidade, o respeito para com o outro, a cooperação, a integração e a coesão

social são as melhores garantias de um amanhã de harmonia e progresso. Esses são o fruto de lentos, mas constantes percursos educativos.

O sentido do acolher

Acolher quer dizer envolver-se - e assim, exprime uma nuance ulterior em relação ao supremo bom costume da hospitalidade – que precisamente pode ser, também, só boa educação. Quem acolhe torna o outro participante de algo que lhe é próprio, se oferece, se abre para o outro tornando-se uma só coisa com ele.
Acolher não é recolher em albergue. Acolher é fazer espaço nas nossas vidas, mudar nossos hábitos, deixar-nos renovar. Entrar em relação, porque "hóspede" é palavra que implica reciprocidade.
Acolher signfica empenhar-se em abrir as portas da própria casa – entendida justamente como casa, e também como coração, como família, como fronteiras – a quem está batendo para pedir ajuda, para repousar, para partilhar uma experiência, para estabelecer troca. Acolher significa reconhecer o outro; no sentido de vê-lo, de observá-lo e de observar-se através de seus olhos. Aquilo que é fácil quando se está em ressonância, o é muito menos quando há choque.
Acolher significa escutar, não só aquilo que desejamos ouvir, mas também, aquilo que nos irrita, nos fere, que nos enerva; aquilo que não condividimos, que desejamos calar.
Acolher significa agir para ir além, justamente quando, ao invés, desejaríamos reagir par nos impor e impor nosso pensamento.

As chaves

Integrar não é nem assimilar, nem tolerar. Integrar é tornar parte ativa, corresponsável. Significa aceitar entrar junto em um movimento vital do qual não podemos conhecer 'a priori' o êxito, mas que, se nos envolvemos com responsabilidade e honestidade, poderá produzir bons frutos.
Do ponto de vista educativo a pedagogia intercultural com seus percursos é a chave para coletar os desafios da integração entre diferentes. Uma pedagogia atenta às diversidades entre as culturas, voltada para a interação recíproca e a integração.
A passagem de uma sociedade multicultural, caractrerizada pela presença de culturas separadas entre si, para uma sociedade intercultural, ao invés, caracterizada pela interação e integração das diferenças entre as várias culturas, requer um projeto pedagógico. Isto é, um projeto voltado à construção e ao desenvolvimento de um pensamento: aberto e flexível, antidogmático, descentrado das próprias referências. Tal pensamento terá condições de reconhecer e compreender as diferenças e as analogias com outras culturas.
Hoje a intercultura representa um grau de civilização importante e deve ser assumida, na sociedade, nas escolas e em todos os ambientes educativos como projeto transversal e interdisciplicar.
De modo específico a pedagogia intercultural tem como objetivo a reflexão sobre diversidade cultural e, de modo geral, sobre o tema da alteridade. Preocupa-se em facilitar o conhecimento recíproco e a disponibilidade à troca e ao encontro, segundo uma ótica de mudança. Essa pedagogia trabalha, de fato, não só para a integração, mas também para a interação , reconhecendo assim a função indispensável das diferenças, para permitir que culturas diversas convivam sem ignorar-se.
A pedagogia intercultural educa à flexibilidade cognitiva, ajudando a desconstrução de esquemas mentais rígidos, o reconhecimento e a interação positiva com a diversidade, e enfim a capacidade de conviver com a incerteza. Tem como meta a formação de pessoas com *competências mentais*, como a capacidade de "*problemas solving*", consciência da relatividade, contextualidade e historicidade das culturas; capacidades *relacionais*, isto é, capacidade de confronto e diálogo com a alteridade, interesse pela diversidade, capacidade de empatia e de questionamento; capacidade de *valorização*, isto é, solidariedade, coexistência pacífica e responsabilidade.
Somos chamados como educadores, educadoras a promover a educação intercultural na escola, na família e em todos os ambientes educativos, para educar as jovens gerações a acolher e valorizar as diversidades.

O MESTRE E A ESCOLA SOBRE TRILHOS

Não sou um mestre:
sou um companheiro de viagem a quem você pediu que lhe indicasse a estrada. Eu lhe disse que caminhasse além; além de mim e além de você mesmo.

Georg Bernard Shaw

"Pode permanecer na escola", consentiu o mestre Ernesto.
Meu pai o olhou desconcertado.
A solução não podia ser assim tão simples. Discutíamos, de fato, há mais de uma hora. Uma eternidade, para ele que era um índio de poucas palavras.
"Não se preocupe, Tomás, não o farei pagar uma parte da mensalidade" sorriu o mestre. "O cachorro pode dormir na entrada do vagão e fazer a guarda da escola. E, quando fizer frio" – dirigindo-se a mim – "eu lhe permitirei entrar e proteger-se em baixo dos bancos. Porém, nas horas de aula deverá ficar fora: sem dúvida é mais inteligente e tem mais vontade de aprender com meus alunos, mas não sei o que o inspetor pensaria a este respeito".
Minha mãe sorriu agradecida. Havia servido o arroz há uns bons momentos atrás e, devido a nossa discussão ele esfriou. Meu pai dava sinais de que estava de acordo.
Finalmente pudemos jantar. "Porém, escute-me bem, jovenzinho: será tarefa sua dar o alimento e manter o cão limpo e sem pulgas" – acrescentou o mestre – fazendo um sinal ao cão para que o acompanhasse.
"Agora Quetzal faz parte da Escola Malinalli Tenepate e você sabe muito bem que eu sou muito severo em questão de regras".
Quetzal abanou o rabo olhando-me. Fiz sinal positivo e ele seguiu o mestre sem pensar duas vezes.
Meu cachorro era muito esperto: bastava-lhe um cheirinho para compreender que naquele ser humano era possível confiar.
O mestre Ernesto perfumava o ano todo com flores de laranjeira, porque, dizia ele, cresceu em uma casa com um jardim repleto de laranjeiras. Gostei sempre de laranjas, mas não era aquele o motivo pelo qual o mestre combinava comigo.
Creio que fosse porque ele tinha sempre tempo para nós. Meu pai e o pai de meus amigos trabalhavam, portanto não brincavam pouco conosco (...).Se tínhamos um problema, uma dúvida, qualquer coisa... procurávamos o mestre Ernesto. Como aquela vez em que eu, Chico, Tuerto e Valéria havíamos encontrado um morto. Naquele dia foi ele quem chamou a polícia e o médico legal. Foi ele quem nos explicou que aquele homem era um vagabundo, mas que não deveríamos preocupar-nos, o Padre iria sepultá-lo igualmente. Ele nos propôs uma breve oração pelo morto e depois, com doçura, nos ajudou a esquecê-lo.
O mestre Ernesto era o único adulto que eu conhecia, capaz de intuir certas coisas.
Portanto, percebeu que naquela noite eu não teria dormido tranquilamente se Quetzal não tivesse um lugar seguro onde ficar. Com um sorriso no rosto eu o acompanhei com o olhar até que o perdi de vista na obscuridade da noite.

(Ángeles Doñate, *La scuola sui binari*, Feltrinelli 2020)

A labuta do trabalho

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

Os jovens olham para o futuro trabalhista com nevitáveis inquietudes. Empregam muito tempo para elaborar currículos e enviá-los a toda parte,mas as achamadas não chegam. O cansaço será rescompensado se tiverem a sorte de encontrar um trabalho para o qual se sintam atraídos: pode-se fazer bem somente aquilo que se ama. Todos possuem, potencialmente, algum recurso precioso para compor o grande mosaico da obra humana. Felizes aqueles que vêem tais recursos reconhecidos e podem trabalhar condignidade para melhorar seu específico âmbito de aplicação. Podem, então, não perceber o cansaço das mãos e das mentes como uma condenação ("procurareis o pão com o suor da fronte") mas como o sentido positivo do próprio agir e ser.

A fé é o valor adicionado que confirma a possibilidade de sermos continuadores da criação, em resposta ao convite do Gênesi: "Sede fecundos e multiplicai-vos..." (cf Gn 1,28). A pegada humana, de fato, se expande no cosmo, modelando-o e completando sua beleza, na medida da nostalgia do paraíso perdido, jardim de delicias no qual o primeiro casal passeva serenamente, dialogando com Deus. Dia a dia,cada um, enquanto gasta si mesmo no trabalho, contribui para regenerar o criado. São Paulo nos ilumina: "A própria criação será libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8,21); "Na verdade, sabemos que toda a criação geme e sofre as dores do parto até hoje" (Rm 8, 22).

O trabalho é alienação se for orientado somente para o mercado,para a carreira, para a funcionalidade de sistemas hostís que avaliam somente a produtividade e a eficiência (um negócio privado ou público,uma organização partidária ou sindical). Nem todos conseguem obter o lugar de trabalho que desejam, mas todos devem dar sentido àquilo que fazem, para não sofrerem frustrações e efeito 'boomerang', com patologias consequentes a um trablaho "odiado". Há trabalhos improvisados, manuais e repetitivos (mesmo que a tecnologia favoreça aqueles mais criativos e digitais), pouco gratificantes: operário da cadeira de montagm, donas de casa, mineiros, operadores ecológicos. O trabalho parece rebaixar homens e mulheres ao mundo material e à máquina. Porém, pode também ser vivido como transferência de energias para uma ralidade objetiva que as absorve e as restitui como matéria "reciclada", mesmo que, por vezes, "degradada". Se , por um lado se realiza um movimento descendente (*Kénosi*), pelo quel parece que o ser humano se transforma em coisa;ao memso tempo há um movimento ascendente, pelo qual a realidade se encharca de energia humana. Do mesmo modo Deus se faz homem, a fim de que o homem se faça Deus. (Cf S. Weil, *Cahiers II*, Plon, Paris 1953 (1972), 190).

Não são poucos os jovens que, estudando, conquistam ótimas competências mas lhes custa vê-las reconhecidas. ;se aspiram por pesquisas universitárias, vêem-se frequentemente superados por

aqueles que são considerados mais "confiáveis" e se vêem constrangidos a partir para o exterior. É uma perda para as famílias, para a sociedade e para o Estado. No entanto, o trabalho intelectual, longe do ser um "*otium*" ou um luxo, é uma cansativa, alegre conquista diária de fragmentos de verdade necessários a uma melhor compreensão da realidade, com efeitos benéficos, em cascata, sobre cada aspecto da vida. Compreende-se melhor isto graças à emergência COVID-19.

Trabalho problemático

Para todos é importante um ambiente sadio de trabalho. No mundo contemporâneo está se tornando sempre mais importante o cuidado com o ambiente. Contribuiu a isso o grande número de jovens que, em *Grata Thnberg* denunciaram as mutações climáticas e a impelente necessidade de interromper o desfrutamento da natureza. O Papa reforçou esta tendência com a Encíclica "*Laudato Si*" manifestando uma nova sensibilidade do Magistério pelo ambiente, no espírito franciscano.

O ambiente, no entanto, não pode ser somente aquele físico, uma vez que para as mulheres e homens, conta muito viver e trabalhar em ambientes nos quais as relações sejam construtivas, significativas, pacíficas. Em qualquer trabalho pode-se enfrentar um ambiente problemático e hierárquico. Trabalha-se de boa vontade, se, além do objetivo de buscar o necessário para viver às pessoas que se amam, mantém-se relações de colaboração solidária e de amizade com os colegas. Isto dificilmente se realiza, razão pela qual muitos adultos não ainda anciãos e que poderiam continuar com proveito o próprio trabalho, pedem insistentemente a aposentadoria, preferem liberar-se de relações conflitantes e que trazem desprazer para a dignidade, mesmo a custo de uma pagamento reduzido.

Não há trabalho que não seja "travaglio" segundo a expressão francesa que evoca a geração no parto. De fato, através do trabalho cada um coloca a sua contribuição para o nascer de um mundo melhor. Em qualquer âmbito de aplicação é necessário dar sentido humano e espiritual ao próprio cansaço, sabendo que através dela é possível satisfazer as próprias necessidades e de seus caros, mas também, oferecer a própria contribuição para uma melhor qualidade de vida e à geração de uma sociedade mais justa. Dia a dia o trabalho nos põe diante da alternativa: sofrer ou doar, exercitar o domínio ou favorecer, explorar ou elaborar a matéria, "aguentar" ou contribuir para tornar o ambiente mais habitável e humanamente visível.

Trabalho regenerado

Para além das profissões pessoais de fé e das diversas ideologias, no trabalho sério e correto encontram-se crentes e não crentes. Partilha de fato, o objetivo de gastar a si mesmos em favor da própria família e da família humana. A atitude conscienciosa, atenta a produtos de qualidade, respeitosa em relação aos colegas, aos clientes, aos superiores, sem servilismos, produz paz na alma, mas requer sempre um "travaglio" ,uma labuta,para gerar relações de confiança, de intimidade, de espírito de colaboração.

Nas relações humanas é preciso conquistar uma a uma as pessoas com as quais atuar. Na interioridade da própria consciência e nos modos específicos da interação humana, social e política é necessário prevenir e eventualmente recompor as cisões entre núcleo "quente' de relações afetivas extra trabalhistas e eficiência "fria" dos ambientes de trabalho, como também entre cansaço do corpo e espiritualidade, entre interesses pessoais e empresariais, entre cálculo dos benefícios e ações solidárias. Gastando-se na defesa dos direitos sindicais pode-se experimentar a alegria de ver reconhecidos os direitos e a dignidade dos trabalhadores: melhor salário, tempos de trabalho menos invadentes, maior equidade nas taxas, consideração dos encargos familiares, ambientes de trabalho mais saudáveis, iguais oportunidades entre homens e mulheres.

Também viver como casal e formar uma família exige trabalho – "travaglio". Frquentemente há pessoas que desde adolescentes foram muito protegidos pelas famílias que as isentaram de todas as incumbências. Uma vez casados, em acréscimo ao trabalho fora de casa, devem cuidar de inúmeros pequenos afazeres que favorecem o bom andamento da vida cotidiana e das relações conjugais e paternas: cozinhar, manter a casa limpa e em ordem, fazer pequenos trabalhos de reparação, pagar boletos, providenciar compras, atender o telefone, cuidar do 'computer', atualizar-se e dar conta de inúmeros trabalhos indispensáveis para viver à vontade no próprio ambiente familiar. Com o passar do tempo tudo isso parece tornar-se por demais repetitivo, pesante, insignificante do ponto de vista do retorno e então, cai tudo na rotina.

Também a conservação da própria casa exige cansaço. Os noivos gostam de imaginar e projetar a própria casa, como o lugar sagrado de seu amor. Do projeto à realização, os casais devem confrontar-se com as concretas disponibilidades para poderem ter uma casa condizente com a vida que pretendem viver, situada não distante do ambiente de trabalho e dos pais, da Igreja, dos serviços essenciais; esforçam-se para que a casa seja funcional e bela, enriquecida por algum móvel da época, alguns ornamentos valiosos, esta ou aquela recordação de infância, da família de origem, enfeitada pelos presentes recebidos nas núpcias. Uma casa harmoniosa deveria refletir a harmonia daqueles que a habitam. O belo possui, por si mesmo, um efeito de elevação e de purificação da alma e com a fadiga de manter a casa no nível desejado. Fortunados aqueles que conseguem viver qualquer trabalho, em casa ou fora, escolhido ou necessitado, agradável ou repetitivo, com a alegria de amar.

Os crentes podem ver no trabalho uma atualização da Eucaristia que passa pela entrega de si até que as energias sejam extintas. Passa pela mente aquilo que intuía I. Silone, escritor não religioso, unindo o trabalho do agricultor à Eucaristia. Ele escreve, de fato, no livro "*Vino e pane*": "O velho *Murica*, em pé, à cabeceira da mesa, oferecia algo a comer e a beber aos homens que lhe estavam em torno. "É ele – disse – que me ajudou a semear (...) a moer o grão do qual é feito este pão". Tomem e comam: este é o seu pão. Outros chegaram. O pai serviu o copo e disse: "Foi ele que me ajudou a podar, pulverizar, tirar as ervas e colher uvas da vinha da qual vem o vinho". Os homens comiam e bebiam e alguém embebia o pão no vinho" (I. Silone, Vino e pane, cit. I, 504).

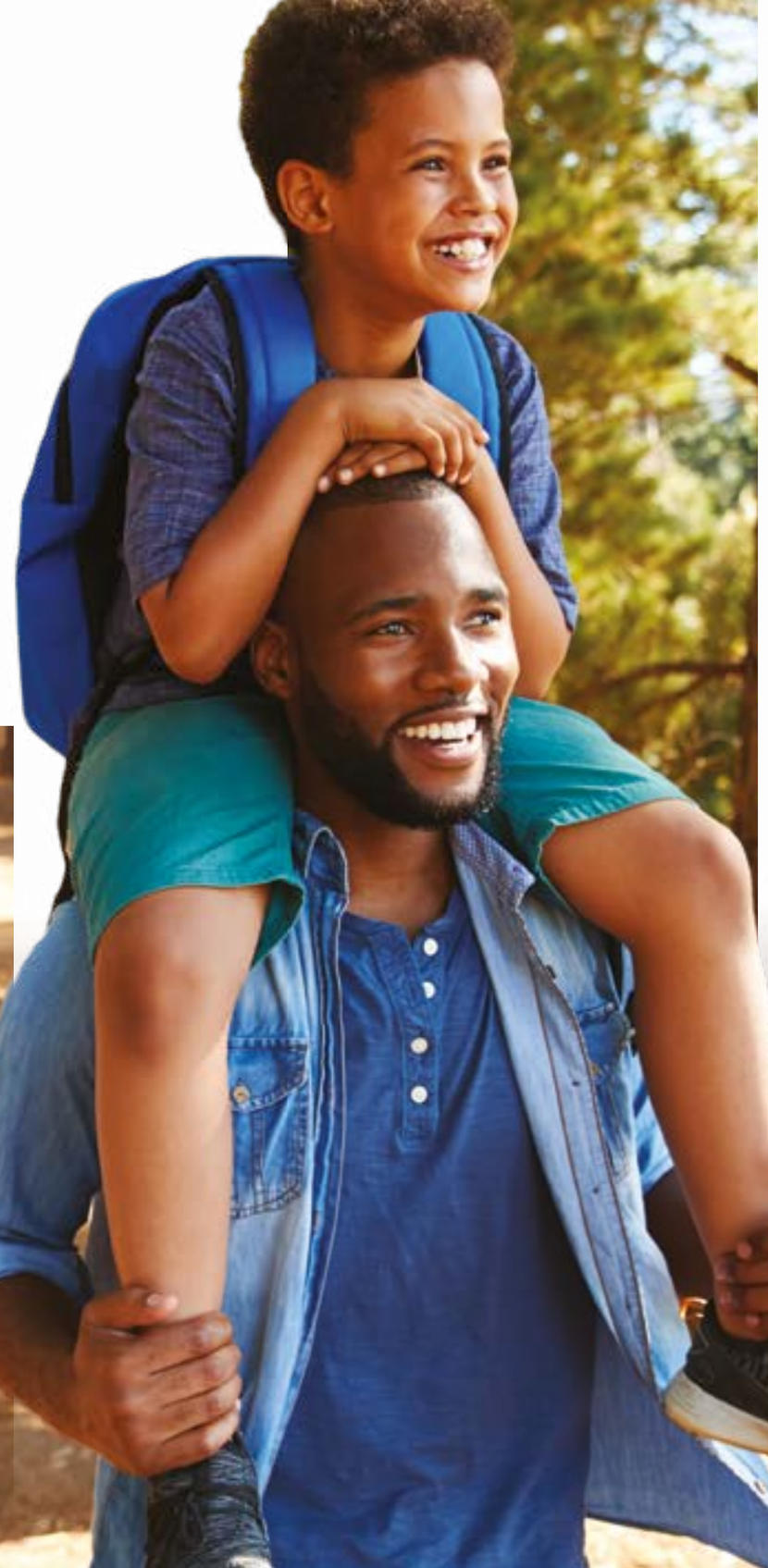
R. Laurentin assim explicitou a dimensão eucarística do trabalho: "A Eucaristia revira (muda) a degradação da energia que é a lei do mundo material. É o contrário da entropia que traz em si a extinção da morte. É o regenerar que vence o degenerar, a comunhão que vence a dispersão. A partilha que vence o egoísmo" (R. Laurentin, *Che cos'è L'Eucaristia?*, in W. Mühs, *Il pane che dà la vita. 365 pensieri sull'Eucaristia*, San Paolo, Milano 1999).

Este é o sentido profundo da geratividdade do trabalho, no qual somos chamados a "repartir" a vida em união com a de Cristo, para produzir frutos abundantes com Ele e ter a certeza, da ressurreição com os irmãos e com o cosmo.

A geratividade entre responsabilidade e gratuidade

Luisa Nicolosi, FMA
lunicolosi@tiscali.it

A geratividade é uma característica da adultez e se realiza naquilo que o adulto pode gerar em favor das futuras gerações. Erikson, na teoria do desenvolvimento psico-social, sintetiza este empenho responsável na "virtude do cuidado" daquilo que se gerou. A geratividade é, pois, uma lente para levar em consideração os processos intrafamiliares e as trocas sociais, em particular aquelas entre as gerações.



O conceito de geratividade surge nos anos cinquenta por obra do psicólogo **Erik Erikson**. Ela pode ser definida como uma "qualidade" que o adulto possui ou consegue em uma fase de sua existência, aquela da plena maturidade no interior de um quadro evolutivo de progressivas aquisições de natureza psico-social. Dirigindo o próprio olhar para o futuro, o adulto adverte um desejo de contribuir ao desenvolvimento pessoal e comunitário, e ao mesmo tempo é chamado pela sociedade a assumir uma responsabilidade pessoal que se traduz em uma ação de cuidado e de investimento "*naquilo que foi gerado por amor, por necessidade ou por acaso*". Não somente por aquilo que se recebeu como herança ou se encontrou, tomando a decisão de assumir o cuidado deste novo ser.

Erikson diz que "*a geratividade á antes de tudo a preocupação de criar e dirigir uma nova geração*". A alternativa à generatividade é a "estagnação" isto é, a autorreferencialidade estéril; um adulto ou uma família não gerativos permanecem bloqueados em uma condição de vida caracterizada por uma volta sobre si mesmos (*self-absorbtion*), com resultados imprevísíveis e imprevistos que podem envolver o inteiro sistema familiar. A estagnação, portanto, se concretiza em um fechamento para o outro e em um progressivo empobrecimento das relações familiares e sociais.

Geratividade familiar

A ideia da geratividade tem sido aplicada principalmente em âmbito psicológico e psico-social. A partir dos anos no-

venta, no entanto, tem início nos Estados Unidos uma reflexão mais articulada que envolve todas as ciências sociais. **Mc Adams** define a geratividade como "transmissão geracional daquilo que tem valor" e assume no tempo significados diversos: necessidade, motivação, tarefa evolutiva etc. até a dar-lhes diversas classificações: *geratividade biológica, parental e social*. As três tipologias de geratividade são correlativas e inclusivas. Em tal prospectiva integrada, de fato, aquilo que dá substância à dimensão gerativa é conatural com a paternidade biológica e não reside somente nela. De fato, há formas de geratividade social motivadas por uma escolha gratuita, como no caso das famílias adotivas ou no empenho do voluntariado.

Alguns estudiosos consideram que a geratividade seja uma categoria relacional, intergeracional e assume valor em relação ao indivíduo e à família. A **geratividade familiar** é a troca entre as gerações; troca que se realiza através de uma reciprocidade, ajudando a reconhecer o outro como diferente de si (o partner", o filho, o genitor, o irmão, a irmã, etc) e encontra o seu pressuposto justamente na resposta a uma necessidade específica da educação: *a necessidade de reconhecimento* (ser reconhecido e reconhecer). A geratividade familiar se refere, de modo explícito, ao valor relacional e ético da responsabilidade de *unir-se* e *cuidar de* alguém. As relações educativas gerativas podem realizar-se na escolha livre e dedicar-se ao cuidado dos liames e de assumir um empenho responsável tendo em vista o florescimento dos membros das novas gerações.

Educação Gerativa

A geratividade é fruto de um *clima gerativo familiar* que é produzido pelo entrelaçamento do nível individual, familiar e relacional: **os filhos são co-geradores, com seus genitores, no clima gerativo familiar**. O educando é parte ativa do processo educativo, deve ser fascinado pelo mandato educativo que lhe é proposto e escolher aceitá-lo e personalizá-lo em um modo único, o seu. Consequentemente a capacidade gerativa encontra a sua origem em um entrelaçamento geracional daquilo que é herdado e daquilo que de inédito resulta das novas gerações.

Erikson diz que **o cuidado é a virtude específica da gerativdade** e que a adultez é marcada pela capacidade de cuidar.

Na prospectiva intergeracional tal capacidade se traduz em um cuidado gratuito dos liames familiares e sociais, onde junto à dimensão da gratuidade emerge também a da gratidão.

A gratidão nasce no interior da dinâmica *dom-débito*: de um lado é a capacidade de sermos agradecidos por um dom recebido e nos lembrar dele; por outro implica em um movimento voltado a restituir e dar ao outro, como agradecimento, o dom recebido. Neste sentido, a gratidão nasce de uma plena consciência de um débito que é sinal da condição de dependência originária e da interdependência própria de cada liame. A família ou comunidade autenticamente gerativa é marcada, de fato, pela consciência e responsabilidade relacional.

Hoje, a busca de uma independência total se traduz em um enfraquecimento dos liames e na falta de reconhecimento de um débito geracional que abre à gratuidade do dom, tornando-se uma emergência educativa em nosso tempo. De fato, a gratidão nasce quando se tem consciência de que a dependência do outro é constitutiva e é a via que introduz no universo da "restituição", na qual se adverte que para a realização autêntica de si mesmos é preciso doar-se.

A educação à geratividade recorda a dimensão ética da responsabilidade, enquanto a geratividade familiar tem origem na responsabilidade que cada um assume no cuidar do outro e do liame que os une, em uma rede de relações intergeracionais, nas quais se respira um específico clima educativo familiar.

É evidente que uma educação à geratividade pode ser pensada através de percursos formativos, que coloquem no centro a promoção de uma consciência da própria dependência dos outros, e da valorização de uma consequente gratidão que se torna instrumento para reforçar os liames familiares e sociais, uma vez que a gratidão é "a ação que encarna o princípio dinâmico do receber – reconhecer – doar novamente".

Para aprofundar

Erikson E.H. *The life cycle completed, a Review*. Norton, New York/London, 1982.

Giaccardi - Magatti *Generatività sociale: un paradigma per vivere*. Scuola e formazione n.3. Altre Voci Editrice, 2016.

Aluette Merenda (a cura di) *Psicodinamica delle famiglie contemporanee*. Palermo University Press, 2019.

Scabini E. *Generatività e identità adulta*. McGraw-Hill Education 2011.

Cidadania por uma fraternidade universal

Martha Séïde, FMA
mseide@yahoo.com

À luz da Encíclica "Fratelli Tutti" (FT),no presente artigo apresenta-se "a via samaritana" por uma cidadania em dimensão universal, convidando a enfrentar as sombras da fraternidade negada e a realizar o novo sonho da fraternidade como categoria política, atuando percursos educativos adequados.

Sombras da fraternidade negada

Desde que o mundo é mundo, o ser humano, criado a partir *da* relação e *para* a relação, tem dificuldade para viver de modo eficaz este seu traço de identidade. A fraternidade como liame de parentesco natural sente isto desde suas origens: basta pensar no fraticídio da experiência de Caim e Abel (*Gn* 4,1-15.25). As interpretações distorcidas da fraternidade criaram tantas vezes exclusões, agressividades, informações desprovidas de sabedoria, populismos, guerras, destruições que negam um elemento essencial da ideia de fraternidade, isto é, um liame universal que reconhece a todos os seres humanos a mesma dignidade. Relançando o tema, Papa Francisco traça de modo realista as sombras de um mundo fechado que obstaculam o sonho da fraternidade universal, deixando tantos feridos às margens das estradas. Estas sombras mergulham a humanidade na confusão, na solidão e no vazio, com grande ameaça ao ambiente, às relações, à política, à economia (F.T. Cap. 1).

Um novo sonho de fraternidade

Diante dos sonhos despedaçados do mundo fechado, o Papa convida a todos para a realização de um sonho de fraternidade e amizade social que permite às pessoas serem reconhecidas, valorizadas e amadas para além da vizinhança física, para além do lugar do universo no qual nasceram e aonde vivem (n.1).

Trata-se de um sonho coletivo a ser realizado junto "como única humanidade, como caminhantes participantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que hospeda a todos, cada um

com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada um com sua própria voz, todos irmãos" (n. 8). É um percurso que requer o empenho de todos e, partindo da pessoa, se alarga à dimensão familiar, social, estatal, até a Comunidade Internacional. É um convite a sermos protagonistas de um mundo aberto para a construção de um futuro criativo. Eis porque é preciso uma espiritualidade da fraternidade, acompanhada por uma organização mundial eficiente, para que a fraternidade seja um instrumento eficaz nas relações internacionais em vista de uma plena cidadania (n.165).

A via samaritana para uma plena cidadania

Para passar de um mundo fechado para um mundo aberto, capaz de acolher a todos, sem condições, o Papa convida a viver a "cidadania", fundada "sobre a igualdade de direitos e de deveres, sob cuja sombra todos gozam de justiça. Por isto, é necessário empenhar-se para estabelecer em nossas sociedades o conceito da *plena cidadania* e renunicar ao uso discriminatório do termo minorias, que traz consigo as sementes do sentir-se isolado e em inferioridade; isso prepara o terreno às hostilidades e à discórdia e subtrai as conquistas e os direitos religiosos e civis a alguns cidadãos, discriminando-os" (n.131). É possível garantir este tipo de cidadania acolhendo a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), como paradigma de uma cultura do cuidado, superando a indiferença e o legalismo. Deste modo, a vida samaritana é uma apelo a assumir "a nossa vocação de cidadãos do nosso País e do mundo inteiro, construtores de um novo liame social. É uma chamada sempre nova para que a sociedade se encaminhe na direção da busca do bem comum, e, a partir desta finalidade, reconstrua sempre, novamente, a sua ordem política e social, o seu tecido de relações, o seu projeto humano. Com seus gestos o bom samaritano mostrou que a existência de cada um de nós está ligada à existência dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro" (n.66). Assim sendo, a via samaritana nos interpela a rever a nossa vida e as nossas estruturas, a verificar se, por vezes, as funções não se sobrepõem às pessoas; se as coisas a serem feitas não se mostram mais importantes do que as pessoas. Se queremos entrar na lógica samaritana, é necessário refletir: *com quem me identifico? Nossa Comunidade Educativa, neste tempo de COVID, com quem se configura?* (n.69).

A fraternidade como categoria política

O psicólogo A.M. Baggio (2014) apresenta a fraternidade como estratégia para enfrentar as crises da democracia, trazendo de votla três níveis de relações estreitamente coligadas: interpessoal, organizada e política. Chega-se à fraternidade de política quando a relação "cresce, a ponto de imprimir o próprio caráter a amplos setores da sociedade e chega a elaborar visões gerais do bem comum; de tal modo, começa a dialogar com as instituições, a interagir com elas nos processo decisórios, a comunciar à política a hierarquia das prioridades vividas pela sociedade, estalecendo, assim, a ordem de importância dos objetivos políticos e indicando as direções das escolhas gerais na ótica da fraternidade".

Papa Fancisco relança a fraternidade como categoria política convidando à formação de uma comunidade mundial colocada a serviço do verdadeiro bem comum, estimulando povos e nações a viverem a amizade social. Assim compreendido, o paradigma da fraternidade perpassa todos os ambientes da sociedade; se manifesta no amor vivido na vida pública, no cuidados dos mais frágeis, na cultura do encontro e do diálogo, na política como ternura e gentileza. Para alcançar esta meta, é preciso a capacidade de elaborar e colocar em ato percursos educativos eficazes (n. 180).

Educar à cidadania fraterna

Alguns processos educativos que podem ajudar na educação à cidadania fraterna são: reconhecer a alteridade na sua dignidade; promover o diálogo e a cultura do encontro; exercitar a gentileza.

Reconhecer a alteridade é o primeiro passo para descobrir a própria pertença a alguém que nos gerou, que nos deu a possibilidade de viver o amor não só nas relações "a tu per tu", mas também nas relações sociais, econômicas e políticas. Trata-se daquele *amor social* (n.186) que pressupõe o amadurecimento de um sentido social em virtude do qual "cada um é plenamente pessoa quando pertence a um povo, e ao memso tempo, não há verdadeiro povo sem respeito pela face de cada pessoa (n. 182).

Promover o diálogo e o encontro é a via mais pertinente para reconhecer aquilo que deve ser sempre afirmado e respeitado, e que vai além do consenso emocional (n. 211). O diálogo requer paciência, respeito ao ponto de vista do outro e partilha, elementos que conduzem gradualmente à "cultura do encontro", que significa também a paixão de um povo no querer projetar algo que a todos envolva em vista do bem comum (nº 216-221).

Exercitar a gentileza é um modo de tratar as pessoas que se manifesta de formas diversas: gentileza no trato, atenção a não ferir com palavras ou gestos, empenho para aliviar o peso aos irmãos. Envolve o empenho de dizer palavras de encorajamento que confortam, consolam e estimulam (n. 196).

A educação à cidadania fraterna exige novos percursos de paz para cicatrizar as feridas. Eis porque na "*Fraterlli Tutti*" se fala da necessidade de *revitalizar a arquitetura da paz, recuperar o valor da liberdade, recomeçar a partir da verdade, guardar a memória, etc.* Nestes percursos, as religiões estão a serviço da fraternidade "em nome de Deus que criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver como irmãos entre si, a popular a terra e nela difundir os valores do bem, da caridade e da paz" (n. 285).

Nós e eles

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

Nós e eles, os migrantes que testemunham aquilo que todo dia acontece em volta de nós, nas periferias das nossas existências. Nós que, mesmo na crescente precariedade da vida, acreditamos poder sair dessa, hoje e amanhã, mesmo que não encontremos respostas eficazes para tantas situações de emergência, de marginalização e de violência que se vivem em tantos países do mundo.
Eles que, por motivos diversos, abandonam o próprio País, forçados pela guerra e pela fome, que partem em busca de um futuro melhor, arriscando a vida e expondo-se a toda sorte de incômodos e de violências. 'Eles' são os que vemos pelas ruas, nos semáforos, aqueles que desembarcam às costas dos mares em busca de vida digna, mais humana e justa.
Nós e eles, juntos, por uma sociedade multicultural generativa, que faz da diversidade um recurso para o presente e o futuro.

Na '*Caritas in Veritate*', Papa Bento XVI declara: "Todo migrante é pessoa humana que, enquanto tal, possui direitos fundamentais inalienáveis que devem ser respeitados por todos, em toda situação" (62). Papa Francisco, na Encíclica "*Fratelli Tutti*" explica a acolhida dos estrangeiros como lugar privilegiado para o exercício concreto de fraternidade. "Uma pessoa e um povo só são fecundos se souberem integrar criativamente, no seu seio a abertura aos outros" (F.T. 41) porque "as migrações constituirão um elemento fundante do futuro do mundo" (F.T. 40). *Eles*, os refugiados, migrantes e pedintes de asilo não são os únicos beneficiários de ações de acolhida realizadas por nós. Eles são "protagonistas da própria promoção" (F.T. 39). A chegada de pessoas diferentes transforma-se em dom para nós, em oportunidade de enriquecimento mediante o encontro entre pessoas e culturas diferentes. Nós e eles, juntos, "temos necessidade de olhar as diferenças como oportunidades de crescimento no respeito a todos. É preciso um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias" (F.T. 134). Nós e eles, se integrados, somos uma bênção de reciprocidade, uma riqueza e um novo dom para uma sociedade inclusiva e justa.

> ***"Quando se acolhe com todo o coração a pessoa diferente, permite-se lhe continuar a ser ela mesma, ao mesmo tempo que se lhe dá a possibilidade de um novo desenvolvimento"***
> (Papa Francisco, Fratelli Tutti, 134).

Jamais sem o outro

São tantas as pessoas que viajam até nós, vindas de regiões distantes, sulcando os mares do mundo sobre pesadas plataformas de metal, para fugir de lugares que desmoronam sempre mais, dia após dia! Esses não vêm fazer parte de nossa vida como *outros*. A presença do outro nos permite dizer quem somos nós. Para quem crê naquele "*eles*" que age sobre nós, plasmando-nos, existe antes de tudo o Outro por excelência, o Criador, que não só está na raiz do nosso início absoluto, mas está também constantemente junto da sua criatura, conservando-a no ser e acompanhando-a em seu crescimento. E, naquele "*eles*" está o nosso próximo, a partir do qual nos gera e nos imprime algumas características para chegarmos a quem nos amará e, também, a quem nos acolherá. Portanto não se trata somente de "*eles*", porque interessando-nos a respeito deles, interessamo-nos, também, por nós mesmos e por todos; cuidemos deles e cresceremos todos nós; escutando-os exprimiremos aquela parte de nós que, talvez, conservemos escondida porque, hoje, não é bem aceita. Os *migrantes* não constituem um problema a ser resolvido, mas um recurso; são pontes vivas entre os países, entre as culturas e as religiões. Não está em jogo somente a causa dos migrantes, mas de todos nós, do presente e do futuro da família humana e somente juntos poderemos ser "fermento" na superação das barreiras e trabalhos pelo bem comum e por uma sociedade mais justa e inclusiva. O caminho é construirmos juntos, no sulco dos quatro verbos tão queridos ao Papa Francisco: *acolher, proteger, promover, integrar*. O desafio é o de nos integrarmos, deixarmo-nos transformar, juntos, pela acolhida recíproca para assim sermos geradores de uma nova humanidade.

Migrar, integrar, gerar

Uma história vencedora de ' ', de geratividade social, de integração e valorização dos talentos e das diversidades. **Mygrants** é o nome da '*app*' que, valorizando os talentos dos migrantes promove sua inclusão e sua promoção social. Nasce com a intenção de estabelecer uma ponte entre o mundo da educação/formação e o mundo do trabalho. "*Aprendi a transformar as fraquezas em oportunidades, seja do ponto de vista pessoal que do ponto de vista trabalhista*", afirma **Chris Richmond N'zi** que, juntamente com **Aisha Coulibaly** decidiram colocar a tecnologia a serviço da integração trabalhista dos imigrados.

Chris, originário da Costa do Marfim, tem uma longa experiência ligada à acolhida e à imigração. Laureado em Direito Internacional, realizou o seu percurso de estudos entre Estados Unidos e Europa. Trabalhou em *Frontex*, a Agência europeia para a gestão da Cooperação Internacional nas fronteiras externas dos Estados, membros da União Europeia. **Aisha**, filha de uma mãe italiana e um pai imigrado da Costa do Marfim, nasceu na Itália, enfrentando os desafios de ser diferente e tendo por modelo a intraprendência do pai no promover os direitos humanos.

Mygrants é uma aplicação em três línguas que se baseia no '*microlearning*' pequenas unidades de aprendizagem e atividades de curto prazo – propositalmente projetada para oferecer aos imigrantes através de uma série de módulos de questionários temáticos – *informações* sobre direitos e deveres, sobre conhecimentos do sistema de asilo, *formação* para reforços, atualizar e validar as competências formais e informais dos imigrados e o *suporte à inserção trabalhista*. Concretamente o '*app*' funciona assim: quem se inscreve pode seguir um percurso de formação baseado no '*microlearning*' e outros 2000 módulos e *questionários* multilíngua para melhorar a aprendizagem. Todo mês, no estilo da atividade desenvolvida '*online*', são gerados perfis de usuário com as competências e as '*performances*' para definir qual poderia ser a destinação profissional que valorize plenamente as competências e o potencial dos migrantes. "*Os migrantes geram os 10% do 'Pil' mundial mas não os conhecemos. Descobrir o talento que existe nesta faixa de população é um valor para todos: migrantes, empresas, Estados*". *Mygrants* é um exemplo virtuoso de valorização do capital humano e desenvolvimento do potencial produtivo através da formação continuada. É 'online', a partir de abril de 2017 e atingiu por volta de 47 mil tirocinantes na Itália e 12 mil na África (Costa do Marfim, Gana, Senegal e Nigéria) que transcorrem, em média 4 horas ao dia para informar-se e formar-se.

Fonte: *http://www.vita.it/it/article/2021/04/01/gli-startupper-che-cambiano-il-mondo-del-lavoro/158886/*

Corações Puros

Paolo Ondarza
paolo.ondarza@gmail.com

Concreto, simples, construído através do diálogo e da comunhão, casto. É este o amor narrado pelo Papa Francisco aos jovens encontrados em 2015, em Turim. O Santo Padre os convidou a caminhar contra a corrente: "Eu não desejaria mostrar-me moralista – disse-lhes mas dir-lhes-ei uma palavra que não agrada, uma palavra não popular. O amor está nas ações, na comunicação, mas o amor é muito respeitoso nas relações com as pessoas, não usa as pessoas, isto é, *o amor é casto*. E a vocês, jovens, neste mundo hedonista, neste mundo em que somente tem publicidade aquilo que agrada, aquilo que satisfaz, o viver a boa vida, eu lhes digo: sejam castos! Todos nós, na vida, passamos por momentos em que esta virtude é muito difícil, mas é este o caminho de um amor genuíno, de um amor que sabe dar a vida, que não procura usar o outro para o próprio prazer. É um amor que considera sagrada a vida da outra pessoa: eu te respeito, eu não pretendo usar-te. Não é fácil. Todos conhecemos as dificudlades para superar esta concepção "facilística" e hedonista do amor. Perdoem-me se lhes digo algo que vocês não esperavam, mas lhes peço: façam esforço para viver o amor castamente".

A castidade é a pilastra sobre a qual se apoia a atividade e a missão de *Corações Puros,* uma iniciativa para os jovens e os casais de noivos que decidem viver este valor até o matrimônio. São mais de 9 mil, na Itália, os jovens que aderiram a esta realidade presente também na Alemanha, Áustria, Suiça e Guatemala. Um verdadeiro e próprio apoio para quem escolhe construir o amor sobre a rocha sólida do Evangelho superando o paradigma social da sexualidade como diversão, sem empenho e responsabilidade. A todos é oferecida a oportunidade de acompanhamento espiritual e um anel, como presente, símbolo da promessa, a ser renovada a cada ano para prosseguir em um caminho que não se interrompe no dia das núpcias.

A ideia nasceu em 2011 a partir do *frade Renzo Gobbi*, ofm e *Ania Goledzinowska*, 38 anos, modelo de origem polaca, com um passado difícil no mundo da moda e da televisão. Ania agora trabalha em Milão como Consulente de imagem, ajudando tantas mulheres a cuidar de si mesmas, interior e exteriormente. Em algumas ocasiões narrou o seu passado em contato com a solidão, o abuso, a vida noturna, o mundo da droga e do álcool, mas também, o desejo de não se entregar, o decisivo encontro com Deus, a ferida de um matrimônio sofrido e, depois, declarado nulo, a decisão de perdoar todos aqueles que, no passado, lhe fizeram tanto mal.

"Antes de abraçar a fé, minha vida era muito superficial. Quando criança, não tive exemplos sólidos, portanto, desejava somente o sucesso. A partir de uma infância de pobreza e violência cheguei a Milão há 20 anos. Eu nada possuía, era filha de ninguém, desejava o amor e procurei me tornar "alguém": hoje, frequentemente se pensa na possibilidade de sermos felizes com o dinheiro, com a boa posição, com a fama. Encontrei-me lançada no mundo do espetáculo. Trabalhei em diversos programas da TV e em empenhos publicitários.

Consegui fazer aquilo que queria, mas, dentro de mim, o vazio era intransponível, eu era profundamente infeliz. A primeira vez que ouvi falar em castidade foi em 2010, em Medjugorje".

Como você reflete sobre aqueles anos?

"O perdão foi fundamental. Perdoei a quem me fez sofrer, desde quando eu era pequena e perdoei também a mim mesma. Descobri que Deus já me havia perdoado. As feridas cicatrizaram-se".

O quê a fez amadurecer nesta reviravolta?

"O encontro com um sacerdote durante a minha confissão após 15 anos sem receber este sacramento, comparou minha experiência àquela de Maria Madalena. Também eu tinha tido muitos homens. Aquelas palavras foram muito duras, mas hoje, eu agradeço àquele sacerdote. Graças à sua firmeza, saindo do confessionário decidi viver a castidade e sucessivamente dar vida a '*Corações Puros*'. Hoje, tantas outras pessoas escolhem mudar de vida e de não adequar-se à mentalidade corrente que percebem estar distante de seus mais profundos desejos. Aos jovens, explicamos, que o desejo humano é fundamental, mas somente a oração pode ajudá-los a preparar-se a algo de belo. É a liberdade de uma escolha que os atrai: Deus nos deu a liberdade de seguí-Lo no caminho da verdadeira felicidade, sem imposições".

Mudanças no âmbito da moral sexual, concretas dificuldades econômicas que obrigam muitos jovens a adiar o matrimônio. Pode-se, de fato, hoje, propor a castidade matrimonial?

"Sem dúvida, eu conheço muitos casais que a viveram e hoje estão casados. É uma questão de prioridade. Viver a castidade pre-matrimonial oferece a você o modo de conhecer melhor a outra pessoa e de não se firmar em aparências. A castidade não é a garantia de que tudo dará certo, mas treina e lhe permite ter mais força e lucidez; ajuda você a se respeitar e a respeitar o próximo".

Ela escreve: "Deus já nos criou bonitos; é preciso, porém, saber valorizar com sobriedade a nossa beleza, que nasce sobretudo do coração". O quê constitui obstáculo à consciência deste dom?

"O mundo põe obstáculo à consciência deste dom porque oferece valores não verdadeiros. Trabalho como Consulente de imagem e estou sempre no set fotográfico, trabalho com as modelos. Na realidade, estas garotas são muito diferentes daquilo que parecem ser. É importante redescobrir a nossa interioridade, a fonte que nos torna realmente belos. Rezar e praticar boas ações nos torna luminosos. A luz que ilumina as pessoas tocadas por Deus, não é fruto de um '*make-up*', não se pode fingir".

Hoje a pornografia colhe mais vítimas com consequências destruidoras sobre o matrimônio e sobre a sociedade. No entanto, são poucos os que denunciam esta emergência educativa.

"Hoje a grande doença é a dependência do sexo e, em muitos casos, da pornografia. Estamos nos acostumando com relacionamentos distorcidos a partir de uma tela; interagimos isolados de tudo e de todos. Quando um jovem encontra a pornografia, esta o martela interiormente. As armas de contraste que sugerimos são a oração, mas, também a atividade física. Não conseguimos mudar o mundo inteiro, mas podemos iniciar a partir de nós mesmos".

A hiper-sexualização precoce é um problema que diz respeito não só a à adolescência, mas até também à infância. Muitas vezes, deixados ao leo de um 'smartphone', os meninos entram em contato com a pornografia. O quê vocês sugerem a partir da experiência de suas próprias comunidades?

"Pode parecer banal aquilo que digo. É preciso levar as crianças à descoberta de uma vida sadia, ao aberto, nos bosques. As voltas, as caminhadas, as viagens, a boa companhia. É preciso acompanhá-los, educá-los ao uso das tecnologias,do 'computer' e 'smsrtphone', especialmente na faixa dos 2 aos 13 anos. A vida verdadeira não é aquela que aparece. Corremos o risco de viver relacionamentos enganadores e nos justificamos dizendo: o mundo é assim, portanto devo seguir mesmo assim. Isto, porém, é uma mentira. Protejamos a pureza do olhar. Bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus".

Chamar novamente à pureza e à castidade é, segundo você, um modo para "gerar" vida em sentido materno?

"Absolutamente sim, falo a partir da experiência vivida. Durante meu percurso de conversão, vivido por três anos em uma verdadeira comunidade religiosa, recuperei o olhar sobre a realidade que viví quando menina. A oração limpou novamente meu coração, e aprendi a olhar o próximo com olhos novos. A pureza leva a amar e o amor a gerar o bem e a esperar o futuro".

Uma bússola para a vida

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

Qual é a bússola para os jovens que manifestam o desejo de procurar e encontrar respostas adequadas às profundas inquietações da vida?

A necessidade e o desejo de encontrar adultos significativos. O desejo de serem escutados e de não se sentirem sozinhos. O medo de errar e desiludir as expectativas das pessoas. O pensamento de não se sentir à altura. A sensação de desânimo ao ver os próprios sonhos e as esperanças redimensionados em um tempo incerto como este, marcado pela pandemia mundial. São estas as perguntas, mas, também, o pedido explícito dos jovens de pontos de referência apaixonados e solidários.

Escuta generativa

Escutar quer dizer saber considerar aquela dimensão de *mistério* que existe em cada jovem. Há muitos modos de escutar: a curiosidade, a necessidade de entender, o desejo de estabelecer com o outro uma comunicação que pode fazer-se sintonia profunda, partilha, abertura ao diálogo. Quem escuta de modo autêntico está sempre disponível a rever as próprias posições, a deixar-se mudar pelo encontro; a comunicar ao outro o seu interesse por ele e lhe reconhecer a dignidade de interlocutor, portador de uma experiência, de um pensamento, de exigências importantes.
Tudo isso é mais evidente quando são os jovens a serem escutados e a se colocar à escuta é a geração de adultos que, por vezes, se sente desorientada diante de atitudes e comportamentos que não consegue compreender.
Colocar-se à escuta dos jovens, do modo deles interpretarem a vida, de suas expectativas e inquietações, de seus sonhos e projetos é uma maneira de incluir–se e acolher-se reciprocamente. A escuta exige atenção para com o outro e a disponibilidade a desfocar a atenção de si mesmo e não pensar que conhece os jovens, a sua história, seus sonhos e seus medos. Os jovens são portadores de novidade a ser interpretada, da mudança antropológica em andamento desde que o desenvolvimento tecnológico mudou a forma de estabelecer relação com a realidade, consigo mesmo, com os outros, tranformando o modo de dar sentido às experiências fundamentais da vida.

"A vida se decide na relação com os outros, com e naquela sociedade que souber e puder reconhecer o valor dos jovens para que possam colocá-los à disposição da coletividade".

Ao escutar os jovens se intui quais são os sofrimentos que eles trazem dentro de si: o sentido da solidão que experimentam no enfrentar uma situação inédita, o desânimo no orientar-se e encontrar o próprio lugar, o cansaço de colocar em ação os talentos que sabem de ter e de poder colocar à disposição da sociedade.
A escuta generativa é a capacidade de tecer relações que podem ajudar os jovens a crescer, que os sustente e os ajude a se tornarem atores de mudanças na sociedade e na Igreja, em próprio favor e em favor da própria família. É a capacidade de envolver e envolver-se para suscitar responsabildiade e corresponsabilidade no promover a vida e vida abundante para os jovens. Desta escuta pode nascer uma nova aliança entre as gerações dos jovens e adultos, e é mesmo no confronto aberto e vivo com os mais jovens que a contribuição dos adultos, a vida da sociedade e do mundo todo pode ser fecunda.

Creio que sempre valha a pena sermos mães, pais, amigos, irmãos... pela vida! E não quero deixar jamais de crer nisso!

Adultos generativos

"Precisamos de mestres, especialmente nesta fase caracterizada pelo covid-19, na qual, parece-nos, que a liberdade de escolha nos tenha sido arrebatada, e isto nos amedronta".

Os jovens são claros: mais do que estratégias, instrumentos ou métodos, eles pedem pessoas. Adultos credíveis, dispostos a gastar tempo com eles, adultos que saibam acompanhar, oferecer escuta e confiança. É uma pergunta que dirigem a todos, à família, à escola, à universidade, à Igreja, à sociedade. Não querem que lhes digam continuamente que seu futuro será mais obscuro do que aquele de seus pais. O que pedem são adultos generativos, motivados e carismáticos. *"Nós lhe seremos agradecidos se nos puderem ajudar a realizar aquilo que queremos ser, porque um sonho nós o temos e não queremos vê-los apagar-se como se apagam as estrelas cadentes"*.
O acompanhamento dos jovens não consiste somente em "dizer-lhes algumas coisas" mas é partilha de tempo, de convivência, de concretude existencial. É um movimento generativo de reciprocidade que transforma também aquele ou aquela que acompanha; é um percurso e um processo no qual se cresce junto. É preciso atenção e tomada de consciência dos signfiicados do peso de cada palavra e de cada gesto, e é importante que os adultos sejam educadores(as) qualificados(as), preparados e preparadas com seriedade para uma tarefa assim tão delicada.
"Um dos problemas mais dificeis dos jovens, hoje, é que eles não têm raízes. Precisam encontrar as raízes para prosseguir", declara Papa Francisco. É necessário que os jovens encontrem os idosos para conhecerem a terra e a fé que os geraram e possam, por sua vez, construir um tecido vital feito de relações, de pertença recíproca, de projetos comuns. "Para que os jovens tenham visões, sejam 'sonhadores', possam enfrentar com audácia e coragem os tempos futuros, é necessário que ouçam os sonhos proféticos de seus pais", repetiu o Papa, lançando o desafio aos adultos: ajudemos os jovens a encontrar as raízes. Eles nos darão asas".
Omero Romeo, o professor que se tornou cego – como o seu célebra omônimo grego – e chamado,

como suplente de Ciências, em uma classe problemática – da qual o professor diz, com uma sonora metáfora que "*canta uma infelicidade coral à qual cada um participa com um timbre inconfundível*" – classe que deve enfrentar os exames de maturidade,de início à sua aventura aducativa de modo inédito e revolucionário.Não podendo ver as faces, inventa um novo modo de fazer a chamada: "*Dar um nome próprio e dar à luz significam a mesma coisa. Para conseguir ensinar devo concentrar-me sobre a presença dos jovens e não sobre as minhas expectativas; devo deixar que sejam eles mesmos a virem à luz e não eu a iluminá-los*". O apelo se torna uma chamada verdadeira e plena, uma convocação que se faz vocação para os dez jovens repetentes, agressivos e mais frágeis que, pela primeira vez experimentam narrar-se, mostrar-se a quem,mesmo sem vê-los, consegue reconhecê-los uma a um. O mestre acompanha pela mão os seus alunos: não tanto a um exame final, mas a um assumir responsabilidade em um percurso de formação vivido plenamente. O objetivo é guiá-los ao crescimento, ajudá-los para que cada um se torne aquilo que é destinado a ser na sociedade. Uma relação autêntica entre mestre e discípulo, uma relação dinâmica na qual, ambos, ensinam e aprendem, disponíveis a se colcoar em jogo e a olhar a realdiade com olhos novos. (Cf Alessandro D'Avenia, *L'appello*, Mondadori, Milano 2020).

Os jovens não têm necessidade de sermões, de grandes discursos e reflexões, mas de testemunhas credíveis: pessoas com condiçãode de tornar evidente aquilo que na própria vida deu fruto e em grau de prometer que aquele fruto é acessível também a eles. "Precisamos de adultos que nos recordem o quanto é belo sonhar a dois! Temos necessidade de adultos que tenham paciência de estar ao nosso lado e que nos ensinem a paciência de estar junto: que nos escutem nos mais profundo e nos ensinem a escutar, mais do que a ter sempre a razão!"

Os adultos são chamados à *geratividade*, à *beleza* que é *"a quantiade de vida que se consegue trazer ao mundo*". A bússola para a vida é o *acompanhamento gerativo* daquele que toma o cuidado, escuta, confia responsaiblidade, fazendo crescer as pessoas para depois deixá-las caminhar.

Um olhar jovem

Veronica Petrocchi
veronica.petrocchi91@gmail.com

***O quê um jovem espera para si no futuro?* Esta é uma das perguntas mais comuns entre os jovens e, nos últimos meses a imprudência, como moldura a esta interrogação, deu lugar à incerteza.**

Uma recente pesquisa universitária evidenciou como a pandemia tocou "enormemente" a vida dos jovens, influiu sobre resultados escolares (exames e concursos), como os deixou fora da possibilidade de estágios, de cursos de formação, de trabalho.

Mas, como se sentem realmente os jovens? Da pesquisa resulta: angústia e preocupação (53%), sobretudo pela incidência sobre as relações sentimentais e de amizade. Registram-se pontos altos de pessimismo: 84% dos jovens intrevistados consideram que os níveis de ocupação irão piorar, enquanto somente 1,8% retém possível a melhora. A enorme maioria (83%) pede a reabertura da escola, uma vida sadia e equilibrada e confiança no futuro.

Sentem-se desanimados, sós e excluídos de todo debate: fala-se de manobras financeiras sanitárias, políticas do trabalho, da escola, da universidade; porém, não se pensa de envolvê-los e se decide a respeito de seu futuro, sem interpelá-los.

A cada dia se lê nos jornais algum artigo que exprime, interpretando ou imaginando, o quê experimentam os jovens neste período de crise. Porém, é difícil encontrar um artigo ou um texto de um ou uma jovem que explique de fato, aquilo que os jovens realmente estão vivendo.

Giorgia, jovem de 17 anos frequenta o último ano do Liceu Científico e narra: "Esta manhã, despertei, permaneci de pijama, vesti um suéter justo para dar aparência de normalidade aos meus professores, peguei o "*computer*" e conectei para a aula começando o dia com duas horas de italiano. Eu olhava meus colegas com aquela distância virtual alienante e pensava como faz falta a dinâmica da sala de aula, o participar das aulas, dividir a merenda, passar bilhetinhos, falar novamente, nos abraçar entre uma lição e outra, estar em recreação. A falta maior e mais difícil de suportar é a ausência de relações, aquela proximidade que nos define no coração da sociedade, um espaço - também físico - que nos ajuda a descobrir quem somos. A pandemia está nos pedindo uma mudança radical. Pedindo a todos, porém, mais que a todos, está pedindo aos jovens. O presente marcado pela emergência sanitária nos afasta, cada dia mais, das etapas sociais típicas desta idade, as etapas da vida que fazem crescer: a partir dos amigos com os quais o jovem se descobre em sua identidade e naquilo que desejaria se tornar, até os primeiros namoros e os amores que se pensam eternos, com as desilusões que chegam. A idade do voluntariado, das viagens à descoberta do mundo. Fora da escola presencial e dos espaços de sua sociabilidade, permanecem os jovens em casa com o '*computer*', o 'smartphone', os '*socias*', em habitações que se tornaram lugares de trabalho e de aprendizagem; resta somente a família na definição do mundo deles e no seu espaço de experiência de mundo. E nem sempre os adultos conseguem compreender suas necessidades.

"Nesta anormalidade, hoje, nossos pais repetem de modo insistente: "não fique o tempo todo ligado ao telefone!" sem compreender que esta é nossa realidade. Hoje, se nos falta a voz ou o rosto de alguém, podemos somente fazer uma videochamada. Os colegas de sala de aula constituem o contato que temos. Existe, porém, muito mais do que a escola para nós, jovens; ninguém pensa em quantas coisas nós estamos perdendo: primeiros passeios com os amigos, a cumplicidade, curiosidade de descobrir ângulos escondidos das nossas cidades! Infelizmente estamos vivendo outras primeiras vezes: a primeira vez que somos contagiados pelo COVID-19, a primeira videolição, o primeiro *lockdown*.

Conversando com Georgia percebo uma consciência adulta que se mistura às características genuínas de seus 17 anos: "Tantas coisas que considerávamos comuns, nossa rotina, ir ao bar com os amigos,os jantares, agora são impossíveis: uma normalidade perdida! Falta-nos 'ser jovens'. Porém, diferentemente do que pensam os adultos, nós somos até mais fortes do que eles; lutamos para conservar nossas amizades e para sair um pouco à tarde, aceitamos o fechamento das escolas e o não pode sair a passeio depois das 22 horas. Aceitamos, sim!"

A lição que nos vem dos jovens é iluminante: "Queridos adultos, não procurem somente entender aquilo que nós experimentamos, reflitam sobre seus próprios sentimentos, olhem para a própria interioridade, procurem entender o que lhes falta realmente. Nós, jovens, somos frequentemente considerados irresponsáveis, aqueles que, de vez em quando saem sem máscara, aqueles que fazem aglomerações e rixas, mas, por fim, nós mesmos, se temos dúvida de que algum tenha contraído o vírus, permanecemos em cada até obter o resultado do exame. Queridos adultos, desta vez, penso que somos mesmo nós que os levamos pela mão".

Narração marcada pela simplicidade e ternura. Veio-me em mente um tema muito caro a Papa Francisco: a Educação que ele tratou em uma série de eventos, enrtre os quais o "*Global Compact on Education*", a aliança entre gerações, o Pacto Educativo Global. A pandemia do COVID-19 passará e nós precisamos ter a coragem de olhar para nós mesmos, colocar juntos os pedaços de uma sociedade despedaçada pelas desigualdades, pela pobreza e pela desocupação. Estamos acostumados a pensar nos jovens como um problema. Agora, partilhamos um problema igual para todos, com nossa responsabilidade de suspender o julgamento sobre eles e escutá-los, encontrar espaços e outras modalidades com as quais eles podem atravessar, elaborando esta passagem. É preciso acolher o desafio de Geórgia e de tantos jovens que, em silêncio, esperam através de uma janela, em suas casas, o momento em que poderão voltar a nos abraçar.

É o que jovens e anciãos, governos e populações, em uma renovada aliança, poderão demonstrar que o sofrimento destes meses não foi sofrimento vão. Somos chamados a dar respostas concretas para permitir que os jovens não se sintam uma geração sacrificada no altar do COVID-19, pois eles são a vida do mundo e a esperança da Igreja, em particular os estudantes que hoje se preparam para ser, amanhã, os atores da vida da sociedade.

"*Movidos pela esperança*", recuperando as palavras do Reitor Mor dos Salesianos de Dom Bosco, Dom Angel Artime, testemunharemos que, apoiados n'Ele e caminhando instancavelmente na história "conseguiremos fazer novas todas as coisas".

Gerar gentileza

Redazione DMA
editor@rivistadma.org

Em Mornese, o clima de familiaridade e cordialidade entre as Irmãs da Comunidade das origens é sinal de uma modalidade comunicativa simples e atraente que envolve as jovens com naturalidade, em um ambiente que gera gentileza.

Aquilo que hoje fascina olhando a Comunidade das origens de Mornese (Itália) é a harmonia das relações e a serenidade que viviam as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora entre elas e as educandas. O segredo da *Casa do amor de Deus* é a educação marcada pela amorevolezza e a atenção à pessoa nas sua totalidade. Dando impulso a este dinamismo está Madre Mazzarello, Co-fundadora com Dom Bosco do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Maria Domingas possui e coloca em ação a arte tipicamente feminina de colher, com a intuição do coração, o essencial da vida, das relações, das necessidades das jovens, especialmente das mais pobres. Na sua sabedoria exorta as educadoras a não terem um coração pequeno mas "um coração generoso e grande". Na Comunidade, Madre Mazzarelllo é inspiradora de reciprocidade, suscita abertura, confiança, familiaridade, respeito à orginalidade da essoa, dos tempos pessoais de amadurecimento e de aceitação dos valores propostos. Ela sabe criar um clima de relações educativas positivas que permite às Irmãs e às jovens crescer na dimensão de comunicação, nas relações com Deus e com o outro.

Cordialidade, amabilidade, proximidade expressam aquela que Papa Francisco, na Encíclica "*Fraterlli Tutti*" chama "*gentileza*".

O *milagre* da gentileza

A gentileza é a resposta à pergunta, por vezes, não expressa de tantos jovens- como Paloma, a menina de doze anos, protagonista do romance "*L'eleganza del riccio*" de Muriel Barbery – imersos em um deserto relacional que interpela sobre o sentido da vida. No romance, a chegada do nosso inquilino japonês *Monsieur Ozu* traz de volta os inquilinos à descoberta da própria identidade, feita de preciosos dons fechados em uma vida rotineira, e a sentirem-se reconhecidos, tanto que Paloma exclama: "*Eis o que eu desejo dizer com a palavra genti-*

leza, este modo de amar que dá ao outro a sensação de estar presente". A gentileza é parte integrante da pessoa que, com trato humano amável, exprime a profunidade de sua existência. Somos gentis, ma medida em que somos humanos. Praticar a gentileza como estilo de vida significa aceitar o outros sem preconceitos, na concretude da sua especificidade e no ser sempre pelo outro, para além de tudo.

Monsieur Ozu é o *milagre* da gentileza da qual fala o Santo Padre: "*Ainda bem que, de vez em quando, se apresenta o milagre de uma pessoa gentil, que põe de lado as próprias preocupações e suas urgências, para prestar atenção, para dar um sorriso, para dizer uma palavra de estímulo, para tornar possível um espaço de escuta em meio a tanta indiferença*" (F.T. 224).

Papa Francisco, no seu Pontificado marcado desde o início por gestos e palavras que lembram esta virtude e convidam a tratar bem as pessoas, a dizer "*com licença*", "*desculpe*", "*obrigado*", solicita que se gere a cada dia a gentileza para criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e previne os conflitos.

Respirar gentileza

"Respirar gentileza" não é algo dado como certo. É importante a pedagogia do ambiente, como em Mornese, onde as Irmãs, em suas espcíficas funções, tecem relações de simplicidade, familiaridade e serenidade entre elas e com as meninas, criando condições para a abetura de um caminho de crescimento. Em um ambiente sereno, alegrado por vezes pelo canto e por atividades recreativas, cada jovem experimenta a alegria de aprender, tomando consciência das próprias capacidades e atitudes. Tornar atraente o bem, propô-lo mais com a força do testemunho que com palavras e guiá-las com discrição e firmeza para que sejam assumidas pessoalmente são os eixos da experiência educativa de Maria Domingas Mazzarello.

Respirar gentileza leva à confiança e à intimidade, indispensáveis para assimilar e partilhar os valores recebidos.

Uma comunidade é geradora quando, na complexidade das relações que a habirtam, consegue harmonizar o dom que cada uma é, criando um ambiente sereno, feito de relações profundas e positivas.

Quando, porém, a capacidade de manter relações cordiais não vem de uma predisposição natural, é necessária uma clara intencionalidade que considera a conversação sempre um bem. São Francisco de Sales, comunicador e Santo da doçura, dá concretude a este princípio aconselhando que nos disponhamos bem para o encontro: "*Por exemplo, se prevejo tratar um negócio com uma pessoa passional e pronta à cólera, não somente devo fazer o próposito de não reagir aos seus nervosismos, mas devo preparar frases gentís para me prevenir, ou providenciar a presença de uma pessoa capaz de moderá-la*" (Filotea, cap. X). Para Francisco na "*Fratelli Tutti*", falando da gentileza, diz: "*Dado que pressupõe estima e respeito quando se torna cultura em uma sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais,o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes*" (F.T. 224).

É ainda, possível escolher o exercício da gentileza. Há pessoas que o fazem e se tornam estrelas em meio à escuridão. (FT 222)

Educar à gentileza

No contexto contemporâneo os '*social network*' têm diminuído o tempo do estar junto e as normas da etiqueta: estar sempre '*on line*', disponíveis a toda hora e todo lugar; ter acesso instantâneo a uma quantidade infinita de conteúdos, conexões,cada vez mais velozes tornam a conversa ininterrupta, por vezes sem silêncios. Violência, agressividade e não verdade podem poluir o ambinte de comunicação e ser obstáculo à troca dialógica. Por isso é fundamental potenciar a relação humana e propor processos de educação à gentileza e de formação à responsabilidade no habitar os ambientes digitais e os '*Social Network*'.

Na certeza de que não existem palavras erradas mas, ao invés, um modo não correto de usar as palavras, e que a comunicação gentil, privilegiando o diálogo, as palavras corteses, a partilha de conteúdos de qualidades comprovada, o respeito pelos interlocutores, tudo isto constitui uma escolha e deve ser procurada através de uma educação à consciência crítica para uma gestão ética e responsável pelos ambientes digitais. É preciso ter cuidado com os aspectos formais da conversação no '*web*': saber distinguir entre comunicação a dois e de grupo, dar respostas cordiais e não "gritadas" com letras maiúsculas, respeitar os códigos semânticos e de *humor*, das diferentes culturas; não utilizar palavras e imagem que podem ferir, privilegiar reflexões e tolerância.

Em Mornese, quando não havia o '*web*', Madre Mazzarello sabia gerir os conflitos com doçura e firmeza, reforçando a comunhão entres as irmãs e com as meninas. É o caso de Emma Ferrero, que chegou em Mornese no 8 de dezembro de 1877. O pai pede conselho a Dom Bosco e acolhe a proposta de enviar Emma a Mornese para estudar. Maria Mazzarello aceita com paciência e cordialidade que a menina seja inserida no novo ambiente e encontre finalmente o seu lugar. Inicialmente nada lhe é imposto e a Madre não se abate com as reações impulsivas e, por vezes, provocantes da menina. Cobre-a de respeito, de obstinada paciência, conciliando em si, acolhida materna, delicadeza e firme decisão. Emma se sente acolhida no seu modo de ser, sente-se querida e, assim a sua vida se transforma. Madre Mazzarello, educadora e geradora de vida, é realista e otimista. Toda pessoa tem em si o bem e é artesã do próprio crescimento em humanidade. Madre Mazzarello possui forte capacidade de compreender as pessoas, de ter paciência, de aguardar. Seu amor pedagógico se reveste de delicadeza e de racional exigência na correção e no acompanhamento. Para obter um bem maior ela sabe dizer gentilmente não, em vista da única missão: a promoção integral das jovens.

Por isto, hoje, recuperar a gentileza da comunicação significa saborear novamente o gosto da pertença a uma comunidade humana e à '*community*' da rede, para viver relações geradoras, de modo a se tornarem um estilo educomunicativo partilhado, uma troca baseada no reconhecimento recíproco e na partilha de experiências autênticas.

Mornese: comunidade que gera fecundidade vocacional

Eliane Petri, FMA
petrifma@gmail.com

"Eu vos escolhi para que vades e produzais fruto e o vosso fruto permaneça" (*Jo.* 15,11). **Estas palavras de Jesus ressoam como um mandato missionário e como um apelo à fecundidade vocacional. Testemunhar a alegria e a beleza da vida consagrada é a missão da Filha de Maria Auxiliadora para gerar novas vocações.**

Revisitando as fontes do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora pode-se descobrir que é justamente o testemunho de uma vida bela, alegre e fraterna, o segredo da fecundidade vocacional.

1872. São 11 jovens que fazem a primeira profissão como Filhas de Maria Auxiliadora e 4 noviças. Na conclusão da cerimônia da primeira profissão, Maria Domingas Mazzarello exclama: "Devemos nos fazer grandes santas" (*Cronistoria* I, 306). Não se tratava de júbilo de um momento de entusiasmo passageiro, mas um programa de vida e o segredo que teria atraído tantas outras jovens à escolha vocacional: a santidade simples e cotidiana, radicada no absoluto de Deus.

1874. Dom Pestarino apresenta uma relação sobre a primeira comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora no encontro dos Diretores Salesianos: "Na casa das Filhas de Maria Auxiliadora em Mornese há 13 Professas; 8 Noviças, 8 Postulantes, 17 Educandas. Em todas não encontro motivo senão de abençoar e render graças ao Senhor... Aquilo que se observa com satisfação é a verdadeira união de espírito, de caridade, a harmonia repleta de santa alegria entre todas nas recreações, onde se divertem fraternalmente unidas; sempre todas juntas gozam em manter-se unidas... Em todas se percebe o verdadeiro desapego do mundo, dos parentes e de si mesmas por quanto é possível à fragilidade humana. Assíduas e, direi, atentas nos próprios trabalhos... jamais percebi alguma pequena reclamação de alguém que lhe desagrade. Pelo contrário todas tomam parte naquilo que é do interesse da casa. É preciso dizer que de grande bom exemplo são, também, as professoras, embora haja uma externa para F (francês) e M(matemática) para preparar aquelas para o exame... Também das educandas nada há para lamentar. Todas obedientes e respeitosas; algumas já se distinguem muito pela piedade e para se fazerem, também, Filhas de Maria Auxiliadora" (*Orme di vita*, D 34).

Qual é o segredo da fecundidade vocacional de Maria Mazzarello e da primeira comunidade de Mornese? A partir dos testemunhos apresentados se podem extrair alguns elementos sobre os quais refletir: a fraternidade calorosa e alegre, a simplicidade de vida, a centralidade em Deus.

A fraternidade. Pode-se ler o vivido da primeira comunidade de Mornese como um exemplo eloquente das palavras do Papa Francisco: "Eis um belíssimo segredo para sonhar e tornar nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...). Precisamos de uma comunidade que nos dê suporte, que nos ajude e na qual nos ajudemos reciprocamente a olhar para a frente. Como é importante sonhar junto! (...). Sozinhos corremos o risco de ter miragens, de ver aquilo que na realidade não existe; os sonhos se constroem junto" (*Fratelli Tutti*, 8).

A comunidade se torna, assim, o lugar onde se manifesta o excesso do amor, onde respira um "surplus di umanità", uma realidade empastada de eternidade. "Somos feitos para o amor e existe em cada um de nós "uma espécie de lei de 'êxtase': sair de si mesmos para encontrar nos outros um acréscimo de ser" (*Fratelli Tutti*, 88). Este movimento espiritual é o segredo da primeira comunidade de Mornese: cada Filha de Maria Auxiliadora havia decidido "sair de si mesma" para construir a fraternidade na diversidade; sentia-se diretamente empenhada a viver a caridade "paciente e zelosa" e que "tudo desculpa, tem confiança em todos, tudo suporta e não perde jamais a esperança (*Const. FMA*, 1982,7).

A alegria. Redescobrir a beleza da vida consagrada não é um sentimento estético, nem um movimento ingênuo do coração. Trata-se de uma imensa paixão por Jesus e, ao mesmo tempo, de uma paixão pelo seu povo (cf E.G.268). Madre Yvonne Reungoat, Madre Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, recorda que "as comunidades que se tornam seio de novas vocações são aquelas onde Jesus é o centro, onde se respira o Evangelho da caridade, onde há irmãs voltadas a criar comunhão, valores estes que dão a justa dimensão a eventuais problemas e dificuldades, e onde a alegria profunda não cede o passo à tristeza" (*Circ.* 987).

O grande desafio e, ao mesmo tempo, a grande oportunidade de alcançar a felicidade e a plena realização de si consiste na compreensão da vocação como um dom do Senhor que chama para estar com Ele, não como servos, mas como amigos, chama a festejar com Ele, a amar como Ele amou e a produzir um fruto duradouro que torne seus discípulos participantes de sua mesma alegria e que esta seja perfeita (*Jo* 15).

A missão do educador salesiano, cada um segundo a própria vocação, é testemunhar a beleza

de uma vida toda entregue ao Senhor, o fascínio de seguir Jesus, o fascínio de uma vida que é alegre, porque Ele a plenifica de sentido.
A alegria é a primeira e mais credível mensagem vocacional que transparece das comunidades. Esta tem um forte dinamismo vocacional e torna a comunidade geradora de vida. Amedeo Cencini diz que "a alegria é algo de transcendente; experimentar alegria é, por si mesmo, uma manifestação mística. Vem do alto, de um motivo que não é só terreno e indica aquilo que Deus está fazendo no coração do crente, a sua ação preveniente e formadora e esta é uma operação mística" (CENCINI Amedeo, *La gioia sale della vita Cristiana*, Milano, San Paolo 2009,22).

No *Documento Final do Sínodo dos Bispos sobre os jovens*, se lê: "Tantos jovens são fascinados pela pessoa de Jesus. Sua vida lhes parece boa e bela, porque pobre e simples, feita de amizades sinceras e profundas, gasta pelos irmãos com generosidade, jamais fechada para alguém, mas sempre disponível ao dom. A vida de Jesus continua ainda hoje, profundamente atraente e inspiradora; é, para todos os jovens uma provocação que interpela. A Igreja sabe que isto é devido ao fato de Jesus ter uma ligação profunda com todo ser humano porque "Cristo é o novo Adão; justamente revelando o mistério do Pai e do seu amor, revela também plenamente o homem a si mesmo e lhe manifesta sua altíssima vocação" (n. 81).

Madre Yvonne Reungoat recorda que, para caminhar com os jovens, é preciso uma atitude nova: "Saber olhá-los com o mesmo olhar de Dom Bosco e de Madre Mazzarello. Nossos fundadores penetraram com intuição de amor o coração dos jovens, descobrindo em todos, mesmo nos mais difíceis, nos rebeldes, nos indiferentes, o bom, o belo, as potencialidades escondidas, a ponto de transformar "vidas feridas", em pessoas realizadas, até acompanha-las ao cume da santidade. É preciso crer que este "milagre" é possível também hoje. Não é utopia, mas otimismo realista, característica irrenunciável da nossa espiritualidade. Não é, talvez, um valor que deve ser reconquistado para fazer brilhar maiormente de alegria e de certezas o nosso agir e toda nossa escolha pelos jovens e com os jovens" (*Circ.* 991). A este respeito, mostra-se iluminante aquilo que escreve Jean Vanier: "Agradou-me sempre aquela palavra do Pai aos servos quando lhes disse que fossem procurar os pobres, os aleijados: convidai para as núpcias todos aqueles que encontrardes" (*Mt* 22,9). Convidai a humanidade toda para a festa! Não fomos criados para sermos tristes, para trabalhar o tempo todo, para obedecer seriamente à lei ou para lutar. Somos todos convidados para as núpcias. E nossas comunidades deve ser sinal de festa e de alegria. Se o são, teremos sempre pessoas que aí se empenharão.
As comunidades tristes são estéreis; são cadavéricas. É verdade que aqui na terra não experimentamos a alegria na sua plenitude, mas as nossas festas são pequenos sinais da festa eterna, das núpcias às quais somos convidados" (VANIER Jean, *La comunità luogo della festa e del perdono*, Milano, Jaca Book, 2018, 367).

Música de esperança

Mariano Diotto, SDB
m.diotto@iusve.it

O conceito de esperança encontra diversos significados: alguns a consideram uma virtude que a cultura deve possuir; outros a julgam uma qualidade da índole humana; outros ainda a consideram um dever social. Alguns a consideram exclusivamente de pertença ao mundo terreno, outros, ao invés, a colocam pertencente ao mundo espiritual, ultraterreno ou divino.

O filósofo alemão *Edmund Husserl* dizia que todo homem é um ser que projeta seu futuro, porque é movido pelo desejo de uma vida mais feliz do que aquela que vive no presente e, portanto, explora "com o pensamento e a imaginação as estradas para aí chegar... Nós pensamos no possível porque esperamos poder realizá-lo. A esperança é o fundamento do pensamento". Assim sendo, a esperança poder ser sinônimo também de busca da felicidade.

A esperança na música

Em 2020 e nesses últimos meses temos vivido uma espécie de isolamento, não somente físico e exterior, mas também interior, levando-nos a refletir mais sobre nós mesmos, sobre nossas escolhas de vida e sobre nosso futuro. A música, seguramente nos tem acompanhado nestes períodos e pode ter também influenciado nossas respostas, nossos estados de ânimo. Há canções que ajudam realmente a refletir. '*Somewhere over the Rainbon*', por exemplo, canção de 1969 cantada originalmente por Judy Garland no filme '*O Mago de Oz*' tem sido entre as mais executadas na versão moderna tocada com "l'*ubulele*' por Israel "IZ" Kamakawiwo'ole: "*Da qualche parte sopra l'arcobaleno i sogni si avveranno*".
Também a canção da intérprete americana **Andra Day** que tem como título "*Rise up*" tem uma melodia tocante e palavras que convidam a refletir: "*Quando você se sente destruído e cansado e não consegue dar uma reviravolta na vida, nem tem força para combater, eu me erguerei sem medo, me levantarei e assim farei mil vezes, me erguerei apesar da dor*".
O cantor italiano **Nek**, em uma entrevista disse: "A música, por vezes, tem o poder de levar mensagens importantes e uma canção escrita há poucos meses pode narrar muito das sensações que hoje se

podem viver". Há um novo significado nas palavras que ele utiliza na canção "*Perdonare*" como se o texto fosse escrito, diretamente, neste tempo de pandemia. Este texto havia sido escrito nos meses passados e deixado de lado, mas, depois, retomado, pois inserir a esperança em uma canção é um tema sempre válido, um '*evergreen*'. Nek diz: "*Perdoar* é uma canção que revela esperança. Comecemos daqui: vou em frente, passo a passo, com música e conteúdo". "*Em meio à tempestade de nós estamos ainda aqui, mantendo-nos fortemente para não nos perder. Você verá que mudará, mudará e há de mudar, vale também perdoar, perdoar. Não é fácil, realmente. Ergamo-nos da terra, partamos daqui. Se ainda dois destinos dizem sim eu o sei que mudará, mudará e há de mudar. Posso perdoar você, perdoar*".

'*Fight song*' de **Rachel Platten** é uma canção que centenas de milhões de pessoas em todo o mundo adotaram como texto para motivar-se diariamente e não se render no tentar melhorar-se sempre mais. Justamente há 34 anos quando a cantora estava para desistir de sua carreira, porque não obtinha sucesso, escreveu esta canção que se tornou um hino para muitas pessoas que procuram uma reconquista na vida e recorrem ainda a uma esperança. "*Esta é a canção para lutar. A canção para provar que estou bem. Minha energia está no máximo e, a partir deste momento serei forte e não me interessa que ninguém o creia, porque tenho ainda muitas lutas suspensas dentro de mim*".

A mesma cantora diz: 'Fight song' tem sido possibilidade de narrar a minha história verdadeira. A história de enfrentar todas as recusas e, apesar disso, continuar a escutar aquela frágil voz no meu coração que me impulsiona a não desistir".

"A esperança é o único bem que é comum a todo ser humano, e mesmo aqueles que nada mais têm, a possuem" (Talete)

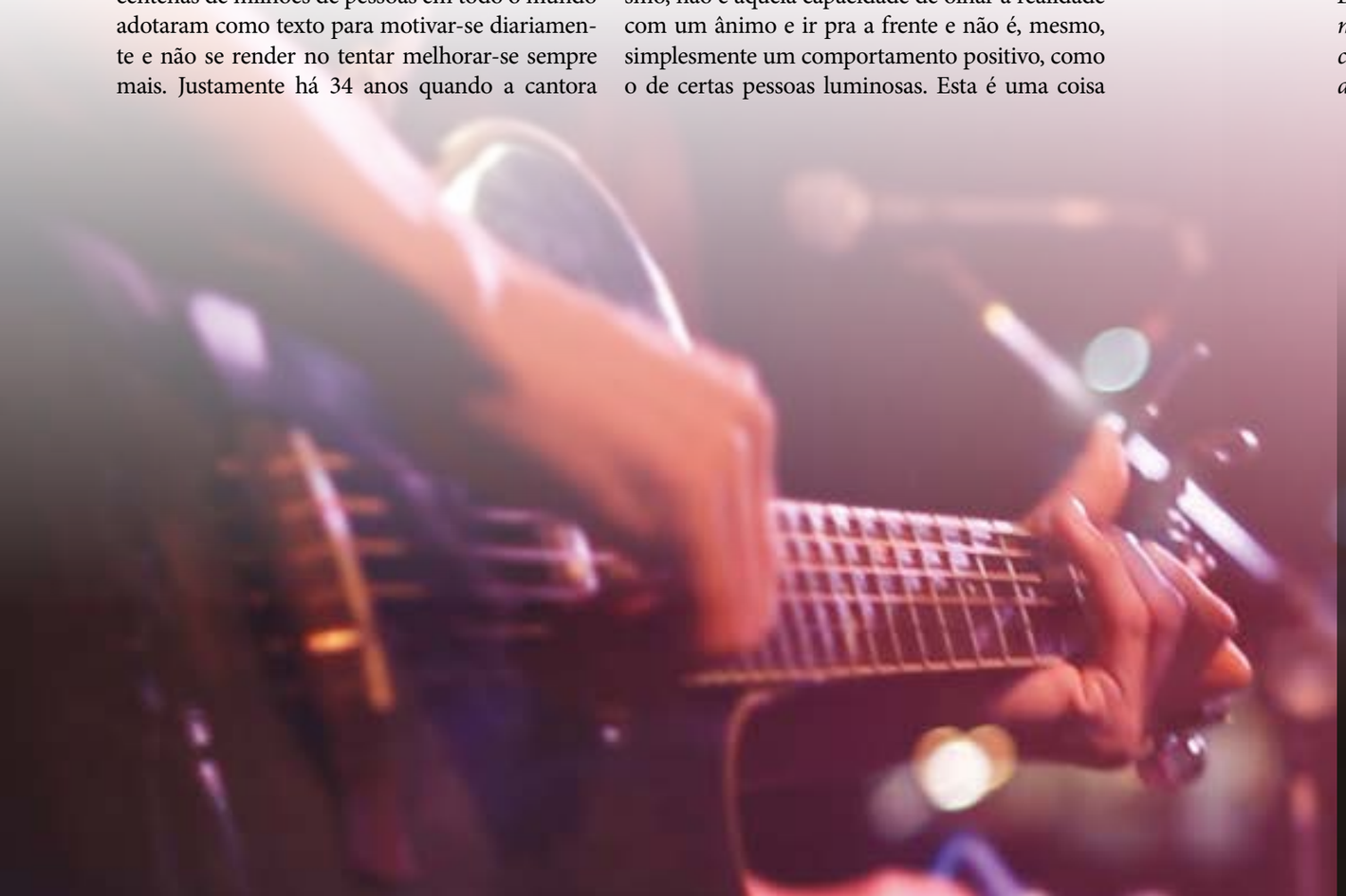
A esperança cristã

Papa Francisco afirma que esperança não é otimismo, não é aquela capacidade de olhar a realidade com um ânimo e ir pra a frente e não é, mesmo, simplesmente um comportamento positivo, como o de certas pessoas luminosas. Esta é uma coisa boa, mas não é a esperança. Os primeiros cristãos a figuravam como uma âncora. A esperança era uma âncora que mergulhava seguramente na margem do além. A esperança é uma graça a ser pedida; uma coisa é viver na esperança pois na esperança somos salvos e, outra coisa, é viver como bons cristãos e nada mais.

Há uma canção do grupo '**Hillsong**' intitulada "*All my hope*" na qual são retomados conceitos expressos pelo Papa: "*Luz na minha escuridão. Paz para minha alma. És o meu resgate. Jamais me abandonaste. Toda a minha esperança está em Ti, Deus. Toda a minha força, em Ti. A cada respiro a minha alma repousa em Ti. Aqui, na fragilidade. Teu amor é meu refúgio. Tua vida é a minha estrada*".

O cantor italiano **Gianni Morandi** na canção '*Renascimennto*' escrita em 2011 por Gianni Bella e Mogol, expressa este desejo de ancorar-se em Deus: "*Este mundo alça a sua mão, talvez procure Deus, procure auxílio em Deus; o que acontece neste mundo, parece um outro mundo, que nos causa medo, que nos faz tremer. O que acontece dentro de nós é um coração que ainda pulsa ou ele já está morto. Esta sede de poder, de poder e de dinheiro, um destino por demais amargo. A solução talvez seja rezar, crer mais profundamente naquilo que realmente vale. Uma vida mais espiritual, melhor agora, sabes, antes de morrer. Uma nova consciência, inocência e sabedoria que reúne o povo. Uma luz que surge e ilumina as mentes e se estende da manhã ao anoitecer. Terminará o desânimo, será um renascimento, a esperança grande que nos faz vibrar profundamente; sentiremos enfim algo dentro de nós. Vive, pois, como nunca, um milagre: a fé, a alegria de quem crê. Finalmente, um novo mundo*".

A esperança seguramente é uma atitude que muda com o mudar da idade do ser humano pois maior se torna a consciência de si e da própria existência, mas não deveria ser considerada como um ato de vontade que nasce de uma atitude virtuosa. A esperança e "uma alegria antes da alegria" como dizia Filone di Alessandria e, cada um de nós deveria sempre procurá-la. E se também uma canção pode ajudar-nos… por quê não?!?



Nas pegadas de A. Lupin

Andrea Petralia
andrea.petralia95@gmail.com

Grande sucesso para *Lupin* na *Netflix*. "*L'action crime*" drama francês inspirado no mito de *Arsenio Lupin*, o célebre ladrão, gentil homem criado por *Maurice Leblanc* no início do '900, foi o melhor lançamento de uma *série de TV* original no serviço de vídeo "in streaming", em 2021. Com setenta milhões de "account" envolvidos na visão dos cinco episódios durante vinte e oito dias de disponibilidade, como considerou a plataforma, *Lupin* superou os inícios de "*Bridgerton*" (sessenta e três milhões) e "*La Regina degli scacchi* (sessenta e dois milhões), considerados dois fenômenos televisivos da estação, posicionando-se em segundo lugar na classificação das séries TV mais vistas na *Netflix*. E foi a primeira série TV francesa a entrar na Top 10 dos mais vistos nos Estados Unidos, atingindo rapidamente a primeira posição em muitos outros países, como Argentina, Brasil, Alemanha, Itália e Espanha.

Criada por **George Kay** e **François Uzan**, *Lupin* segue a estrela da "*Quasiamici*" Omar Sy no papel de Assane Diop, um jovem cuja vida foi sacudida pela morte do pai, acusado de um crime que não havia praticado. Usando o livro "*Arsène Lupin, ladrogentiluomo*" como inspiração para fazer justiça ao pai e à sua família, Assane elabora um plano brilhante para derrubar um precioso '*collier*' do museu *Louvre* de Paris.

As características típicas do personagem são emprestadas: o espírito da '*Belle Époque*', l'elegante *frac*, o inevitável bastão e passeio dão lugar à sede de resgate do protagonista senegalês.

Na série, cuja primeira temporada é constituída por duas partes, cada um com cinco episódios de 45 minutos, tudo foi mudado pelo fato de que "*Lupin – Sulle orme di Arsenio*" não é, na realidade, uma adaptação literária em sentido próprio, mas ao invés, é uma homenagem moderna à literatura e ao modo com o qual a literatura inspira e modela a vida cotidiana.

O personagem *Lupin*

O protagonista da série, Assane Diop (Omar Sy) teve uma infância difícil: órfão de mãe, como adolescente assiste à injusta condenação do pai – um imigrado senegalês – que foi falsamente acusado de ter roubado um colar na casa do Senhor Pellegrini, um homem rico e poderoso do qual era o motorista. O pai, depois de ter sido enganado e condenado, tomado de vergonha, morre suicida no cárcere. Muitos anos depois, o colar desaparecido na época é encontrado. Pertencia à Rainha Maria Antonieta. Acaba em leilão para cobrir débitos contraídos pelo Senhor Pellegrini naqueles anos.

Assane projeta um plano para fazer vir à luz a verdade sobre seu pai – não somente no espírito das obras literárias de Maurice Leblanc, cujo primeiro romance "*Arsenio Lupin e o colar da rainha*", oferece a inspiração de início da série, mas também do Edmond Dantès de "O conde de Monte Cristo" de Alexandre Dumas. Como este último, de fato, também Assane se coloca nas pegadas dos responsáveis da morte do pai para fazer justiça, para desmascarar os verdadeiros artífices de um crime realizado vinte e cinco anos antes culpando seu pai: Lupin, porém, é um ladrão insuspeitável e não recorre à força para atingir seus objetivos; as suas "armas" são os livros do seu escritor preferido, lidos, senão devorados, desde jovenzinho quando sua vida foi revirada, desorganizada a partir das acusações contra seu pai.

As histórias dedicadas a Arsene Lupin constituem um clássico da literatura francesa e não é, de fato, estranho ver que aparecem com regularidade os livros no curso dos episódios. É, porém, igualmente verdadeiro que numerosas foram as adaptações cinematográficas chegadas ao cinema ou à TV na época (o último filme é de 2004, com Romain Duris). Já em 1910, de fato, foi realizado no Império alemão o filme em série, *Arsène Lupin contra Sherlock Holmes*, inspirado nos romances de Maurice Leblanc nas quais transparecia a grande admiração pelo genial detetive, saído da mente do colega Sir Arthur Conan Doyle, no qual vinha repetidamente encenado um desencontro entre os dois argutos personagens.

De qualquer maneira, "*Lupin – Sulle orme di Arsenio*" é substancialmente uma tradução con-

temporânea e inesperada do material literário que – diferentemente da britânica *Sherlock* com Benedict Cumberbatch e Martin Freeman – não "transfere" os personagens do novecentos para o presente, opta preferivelmente por uma coerente aparência de objetivo: existe semelhança de som nos seus nomes (Assane um lugar de Arsène) mas se inspira nele enquanto grande fã das suas obras. A série tece uma rede sutil de referências cruzadas e de pistas, pequenas homenagens e detalhes cuidadosos, através dos quais a criação de Maurice Leblanc é colocada em jogo sem jamais parecer irremediavelmente datada e superada.

Entre "flashbrack" e golpe de cena

À parte a sequência de abertura girada no Museu de *Louvre* (a única realmente inspirada) no qual o protagonista rouba o colar de Maria Antonieta, a série é menos centrada sobre a espetacularidade dos furtos e mais focada sobre as buscas a respeito do primeiro desaparecimento acontecido no passado – e isto, por sua vez, implica o uso frequente dos "*flashback*".
No curso dos episódios, Assane Diop encontra uma jornalista investigadora (interpretada pela brava Anne Benoît), se depara com um agente policial, também ele, comprovado valorizador de Lupin (Soufiane Guerrab), tem que lutar com um empresário sem escrúpulos, Senhor Pellegrini (Herné Pierre) e se depara com sua filha Julliette (Clotilde Herme) com a qual teve uma relação. Além disso, há ainda a ex-esposa de Assane, Claire (Ludivine Sagnier) e o filho deles Raoul (Etan Simon), aos quais Diop não deixa faltar nada, a não ser a sua presença.
Em lugar da elegância e da finura literária a série TV "*Lupin – Sulle orne di Arsenio*", gira em torno de uma temática contemporânea, à qual se juntam as repetidas referências à integração e à discriminação a que Diop é exposto, tanto quanto o policial Youssef. Ambos são "invisíveis" à sociedade francesa devido a seu aspecto externo; passam sempre inobservados, fato que, pelo menos o primeiro pode usar decididamente em sua própria vantagem (aqui se explica a escolha de Omar Sy). As ideias satíricas não faltam, mas é também verdade que a narração se desenvolve sem grandes golpes de cena e através de situações amplamente previsíveis antecipadamente. Em todo caso, considerada também a brevidade desta primeira parte da temporada, "*Lupin – Sulle orme di Arsenio*" é, ao mesmo tempo nostálgico e moderno, adaptando-se ao espírito do modelo literário e narrando o acontecimento com uma calma e uma tranquilidade não comuns, quase encorajantes.
A atraente história de resgate e de justiça do gentil homem ladrão encerra na quinta apresentação com um "*cliffhanger*" (final-surpresa), um último episódio que escancara as portas a uma esperadíssima segunda temporada.

Terra futura: o Papa dialoga sobre ecologia integral

de Carlo Petrini

Emilia Di Massimo, FMA
emiliadimassimo@libero.it

O Pontífice da Encíclica "*Laudato Sí*" e Carlo Petrini, fundador de *Slow Food*, uma associação empenhada em respeitar aqueles que produzem alimento em harmonia com o ambiente, e de "*Terra Madre*", rede de agricultores, pescadores, artesãos, cozinheiros, pesquisadores, indígenas e pastores, dialogaram sobre a ecologia integral durante três encontros particulares, inéditos, antes e durante a pandemia. Em seguida, as conversas foram publicadas no livro *TerraFutura*, como "*Palavras particulares ditas em público*".

A 13 de setembro de 2013 eu me encontrava por trabalho, em Paris, quando soou o telefone. Número desconhecido, dizia o *smartphone*. "Sou Papa Francisco" disse meu interlocutor e, entre a incrédulo e emocionado, iniciamos uma conversa". Abre-se assim, o livro *TerraFutura: o Papa dialoga sobre ecologia integral* de Carlo Petrini, gastrônomo, sociólogo, escritor e ativista italiano. "Somos duas pessoas com histórias e vivências extremamente diversas, no entanto, logo nos reconhecemos. Um agnóstico e um Papa, um ex- comunista e um católico, um italiano e um argentino, um gastrônomo e um teólogo". É justamente nesta diferença que o texto apresenta uma novidade: constitui uma mensagem incisiva e atual da qual se aprende o diálogo "*honesto*" que acontece

no encontro, no confronto sem preconceitos, no reconhecer-se irmãos; diálogo que valoriza as diferenças apresentando a conversação como um desafio cultural e moderno. Se Petrini evidencia que encontra dificuldade no construir pontes de diálogo entre o mundo que crê e o mundo laico, Francisco sublinha que a "*Laudato Si*" foi escrita para todos.

"É preciso rapidez na mudança de nossos paradigmas se queremos ter um futuro".
(Papa Francisco)

O diálogo, explica o escritor, não é, pois, uma opção moral, mas um método verdadeiro e real. E o Papa acrescenta que é um método humano, antes de tudo; não se trata "de abafar as diferenças e os conflitos, mas ao contrário de exaltá-los e, ao mesmo tempo, superá-los para um maior bem".

A Encíclica "*Laudato Si*" contém um valor espiritual, ético e político; é uma "reflexão ao mesmo tempo alegre e dramática" sobre a gravidade ambiental do planeta, sobre o desperdício dos recursos naturais e humanos provocado por sistemas econômicos e políticos pouco responsáveis, mas é também um convite a se reconectar com a terra e com toda criatura viva que a habita. A "*Guida alla lettura della Laudato Si*" foi escrita por Petrini que compartilha o empenho global, o cuidado dos bens humanos e terrenos daquilo que pode conduzir a uma vida em harmonia com o próprio ser, com a própria comunidade e com a natureza. Nos três encontros realizados emerge a comunhão de pontos de vista, a consciência da gravidade, mas, também, a confiança no empenho cotidiano e comunitário. Reafirma Francisco: "Não se dá ecologia sem justiça, não se cuida do ambiente se as relações entre os seres humanos são viciadas por exagerados desiquilíbrios econômicos e culturais". A estas palavras fazem eco as de Petrini: "A ecologia integral é a conversão fundamental entre o ambiente e a saúde" e as principais urgências ambientais são a "crise dramática, a perda da biodiversidade, biossistemas em colapso. Estamos caminhando rapidamente para o abismo. Não se pode mais fingir desconhecimento de tal situação".

Estas palavras fazem refletir e se entende que a Encíclica não foi ainda bem compreendida como um texto revolucionário a partir do qual é preciso unir forças em vista da proteção da saúde do ser humano, do ambiente, do trabalho agrícola, sobretudo das populações dos continentes mais pobres, do sustento da casa comum em âmbito global. A vasta e delicada temática da ecologia integral diz respeito à sociedade, ao homem na sua totalidade, a cada um de nós, e, em particular, aos jovens.

Educação: bem comum

O entrelaçar de ideais entre o Pontífice e Petrini se desenvolve na segunda parte do livro, em cinco temáticas: biodiversidade, economia, migrações, educação, comunidade. Alternam-se textos do escritor e citações dos documentos papais: da Exortação Apostólica "*Querida Amazônia*", da intervenção *(Re)thinking Europe*, das exortações às comunidades "*Laudato Si*", sugerindo novos modos de projetar a economia e a política, abrindo horizontes fraternos ao confronto entre leigos e religiosos, entre as diversas culturas do mundo. Particularmente significativa a contribuição que diz respeito à educação e se inspira na "*Educazione bene comune*", um projeto pedagógico de Educação Social, Popular e Comunitária. É um percurso de estudo, aprofundamento e militância que tende a uma visão transformadora da educação. Explica *Alberto Contu*: "Por educação nós entendemos o caminho intencional integrado e contínuo que nos permite formar-nos e nos construir como sujeitos e como comunidades, sustentando abertamente uma difícil e arriscada busca de novas relações autenticamente humanas. A nossa é uma visão de educação como fenômeno social, porque somos convencidos de que ela acontece "em sociedade" e não somente na escola e nos circuitos tradicionais do sistema de formação; o sentido está em ocupar-nos novamente como homens e mulheres dos temas fundamentais da vida para tentar resistir à atual ordem socioeconômica e imaginar novas formas de Comunidades. Uma nova organização física, política, cultural e educativa das nossas cidades não pode, senão, ter para nós um caráter popular que tenha na sua elaboração "a partir debaixo" a sua razão de ser e não só, uma metodologia privilegiada. A estrada se torna, pois, um ambiente físico e social a ser ocupada para encontrar "na verdade" do cotidiano das pessoas, cidadãos jovens e adultos, para reativar logo uma relação dialética com eles. Aparece assim, evidente, o caráter comunitário de tal militância educativa".

O produto da venda do livro é destinado a Amatrice (Itália), para a reestruturação de um edifício danificado pelo terremoto de 2016, a fim de que se torne sede de um Centro de Estudos Internacionais dedicado à ecologia integral, a "Casa Futuro- Centro Studi *Laudato Si"* onde jovens (e também, menos jovens) possam idealizar percursos de reflexão coletiva, acompanhar cursos de formação, participar de eventos educativos.

Tempo de...

Queridos amigos,
é tempo de *cuidar*!
É preciso superar as distâncias às quais estamos nos acostumando neste período de pandemia, porque não podemos nos deixar roubar as ocasiões de nos comunicar e de nos relacionar para confirmar quanto Papa Francisco escreve na *Fratelli Tutti*: "...ninguém se salva sozinho" (n.32). É mesmo por isso que desejo convidá-los a percorrer o caminho do "*cuidar*" do outro.
O quê vocês pensam a respeito da mensagem de Paz que Papa Francisco nos deixou para 2021? Para dizer a verdade, eu estava tão preocupada com a pandemia que me foi difícil encontrar o caminho da paz interior para superar o medo. Em diálogo com o Senhor pedi a luz para discernir e me aproximar da cultura digital porque sentia necessidade de estar em contato com os jovens e cuidar deles.
Assim me deparei com a mensagem do Papa e vocês podem imaginar o que experimentei em meu coração, lendo o título: "A cultura do cuidado como caminho da paz". Que beleza!
Pergunto-me quê significa realmente, cuidar do outro. Como Educadora me detive na etimologia da palavra "*cuidado*". No latim "cura", a palavra "cuidado" da raiz *Ku-/kav = observar*. Do sânscrito *Kavi=sábio*. Portanto o cuidado é responsabilidade. Responsabilidade que segue à observação. O cuidado acontece somente quando a existência de alguém tem importância para mim. Começo, então, a me dedicar àquela pessoa, dispondo-me a me tornar participante do seu destino, das suas buscas, dos seus sofrimentos e dos seus sucessos; em outras palavras, da sua vida. Cuidado significa, então, atenção, solicitude, diligência, zelo, delicadeza. Seja uma terapia médica, uma preocupação, ou um ir ao encontro do projeto de vida de alguém... o cuidado é sempre responsabilidade.
Amiga, amigo, desta vez desejo fazer com você um mergulho "no coração da contemporaneidade", assumindo a cultura do cuidado, assumindo o cuidado dos outros com responsabilidade "para erradicar a cultura da indiferença, da recusa e do confronto, hoje, muitas vezes presente" como afirma Papa Francisco.
Hoje desejo cuidar de você que me está lendo para encorajá-lo a dar passos concretos na direção dos irmãos e das irmãs mais próximas e, também, daqueles (as) que estão distantes e são discriminados. Sermos responsáveis por um novo estilo de vida evangélica para sermos capazes de reler a pandemia como uma oportunidade de crescimento no cuidado de nós mesmos e dos outros. O convite é para construir a paz e a alegria, no estilo salesiano, atualizando as palavras de Papa Francisco: "*Não há paz sem a cultura do cuidado*". "A cultura do cuidado, como empenho comum, solidário e participativo para proteger e promover a dignidade e o bem de todos, como disposição de interessar-se, de prestar atenção, de ter compaixão, de reconciliar-se, de levar à cura, de respeito mútuo, de acolhida recíproca, constitui uma via privilegiada para a construção da paz. "Em muitas partes do mundo há necessidade de percursos de paz que conduzam a sanar as feridas; há necessidade de artesãos de paz dispostos a encaminhar processos de cura e de renovado encontro com empenho e audácia"." (Mensagem do Santo Padre Francisco na celebração da LIV Giornata Mondiale dela Pace. 1º gennaio, 2021 - *La cultura dela cura come percorso di pace*).

Palavra de Camilla

… em direção ao 150º do Instituto FMA

A entrega "*A ti confio estas meninas*" é, na vida de Maria Domingas, um acontecimento de graça, porque a iniciativa é de Deus que a envolve com o seu amor, mas é também escuta/ resposta a uma necessidade da juventude, necessidade de ter vida e vida em abundância. Maria Domingas é uma mulher tocada pela graça e capaz de ver e sentir as necessidades das jovens.

Quando Maria Domingas é contagiada pelo tifo, vive um *Kairós*, um tempo de graça que lhe permite refletir sobre as motivações profundas da sua vida e do seu agir, confiando-se radicalmente à Vontade de Deus. É o momento no qual como jovem crente, pronuncia o seu "sim" ao Crucificado.

Maria Domingas compreende que a um chamado tão profundo, não poderia dar uma resposta medíocre e incerta. Sua resposta, de fato, é repleta de alegria, de esperança e de abandono confiante. Antes da entrega da missão por parte de Deus, está a entrega confiante, mais consciente e radical de Maria Domingas a Ele: "*A ti me entrego*" que se revela na oração feita por ela lá no fundo da Igreja paroquial: "*Oh, Senhor! Se me dais ainda um pouco de vida, fazei que eu seja de fato esquecida por todos. Eu me alegro de ser recordada somente por vós*". A oração revela um salto de fé no caminho espiritual de Maria Domingas: ela não é uma jovem voltada para si mesma, é capaz de voltar para os outros o seu olhar e converter-se radicalmente ao projeto de Deus. A oração revela a plena consciência da sua condição de criatura, a sua fragilidade e, ao mesmo tempo, o abandono confiante em Deus. Maria Domingas acolhe a nova missão confiada a ela por Deus, missão que a partir daquele momento se torna o fio condutor da sua vida: a educação das jovens!

"O tempo da prova é o tempo da escolha" (Papa Francisco).

Na visão de Borgoalto, a entrega feita a Maria Domingas é uma entrega concreta e atual. Hoje as Filhas de Maria Auxiliadora são chamadas a acolher pessoalmente e comunitariamente o apelo do Senhor: "*Confio a você estas meninas*". O Senhor hoje confirma ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora a missão educativa entre os jovens. Sermos comunidades geradoras de vida, "apaixonadas", dinâmicas, amáveis, incansáveis, capazes de qualquer sacrifício para acompanhar as novas gerações na realização do projeto de Deus em suas vidas.
"Crescer no estilo de comunhão no qual as relações são humanas, fraternas, reciprocamente acolhedoras, de diálogo e de perdão" (cfr. *Strumento di lavoro, Capitolo Generale XXIV*). É belo partilhar a missão e sonhar junto o futuro. Papa Francisco escreve na Fratelli Tutti: "Eis um belíssimo segredo para sonhar e tornar nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...). É preciso uma comunidade que nos apoie, que nos ajude e na qual nos ajudemos reciprocamente a olhar para a frente. Como é importante sonhar junto (...). Sozinhos, corremos o risco de ter visões, nas quais vemos aquilo que não é real, juntos, construímos os sonhos" (n. 8).

“Cuidemos da fragilidade
de cada **homem**,
de cada **mulher**,
de cada **criança**
e de cada **ancião**,
com aquela atitude solidária e atenta,
a atitude de proximidade do bom samaritano”.

(Papa Francisco, *Fratelli Tutti. Sulla fraternità e l’amicizia sociale.* Città del Vaticano, 2020, n. 79)

Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco